
LABOR OF LOVE
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
ALEXA RILEY

Staff

Moderadoras

Rainha das Sombras, Lilly Draconi & Meghan Williams

Tradução	Rainha das Sombras
Revisão Inicial	Ari Queen & Queen
Revisão Final	Rainha Azul & Lil Queen
Leitura Final	Evelyna
Formatação	Meghan Williams
Disponibilização	Queens of Shadows

2019

Avisos

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs , páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras , digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?
LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Labor of Love

Alexa Riley

Lucy está desesperada, e a única coisa que sabe fazer é fugir. O único problema é que quando ela fica atrás do volante, ela não tem ideia do que fazer. Depois de um acidente que apaga sua memória, ela se vê salva por alguém inesperado.

Orlando está apenas tentando viver uma vida tranquila sozinho e longe do mundo. Até o dia que ela entra em sua vida e a vira de cabeça para baixo. Ele nunca mentiu assim antes, mas ele não pode deixá-la escapar.

Aviso: Neste Dia do Trabalho, comece a folhear as páginas! É um romance de amnésia exagerado com todas as coisas melosas da Alexa Riley que você adora!

Para todos os professores incríveis, mal remunerados e sobrecarregados... nós nunca os agradecemos mais do que a semana antes do início das aulas!

CAPÍTULO UM

LUCY

A chuva bate no para-brisa, tornando quase impossível de ver. Pior, eu tive que fechar as janelas uma vez que começou a chover, e não há ar condicionado neste carro, o que torna difícil até mesmo respirar. Minha mão aperta o volante ainda mais forte, meus dedos já doendo. Eles estão enrolados nisso desde que eu saí da casa do meu avô em uma corrida para fugir dele o mais rápido que pude. Eu não aguentava mais. Meus lados ainda latejam de onde ele me chutou depois que ele me derrubou no chão.

Eu mal consegui sair de lá. Eu engulo um caroço que se forma na minha garganta novamente, chocada que mais lágrimas podem sair depois de quantas eu já chorei. Eu respiro fundo. Tenho certeza de que ele já ligou para os policiais, se ele estiver vivo.

Meu coração pula com o pensamento. Eu não achei que o carro o atingiu muito, mas quem sabe. A prisão seria pior do que viver com aquele homem? Eu duvido. Eu não o vi saindo correndo de casa atrás de mim. Não até eu ouvir o baque e o grito. Você tem que estar vivo para gritar, certo?

Eu não me importei no calor do momento. Eu só sabia que tinha que sair de lá o mais rápido possível. Quando saí correndo de casa, fiquei agradecida por ter até um carro lá. Era um dos seus antigos clássicos com os quais ele está sempre mexendo. Quando vi as chaves penduradas na ignição, soube que tinha de aproveitar a oportunidade para fugir.

—Jesus, — eu respiro para fora. Eu nem me sinto culpada. Eu só queria ir. Eu peguei o máximo que pude, enchendo uma única mochila. O carro começa a deslizar e eu grito, mas de alguma forma eu o recupero sob controle. Não tenho ideia de como dirigir. Eu só vi outras pessoas fazerem isso.

Eu não tenho ideia de onde estou indo. Meu único plano é dirigir. No começo, pensei em encontrar um policial, mas agora que acidentalmente acertei meu avô, não tenho certeza do que fazer. Eles provavelmente nunca acreditariam em mim de qualquer maneira, não com a posição dele.

Meus olhos olham o espelho retrovisor e vejo uma marca já se formando na minha bochecha. Fiquei chocada quando ele me bateu no rosto hoje. Normalmente ele mantém seus golpes em áreas que ninguém notaria em sua neta.

O carro desliza novamente. Eu viro o volante, tentando endireitá-lo como antes. Não é até que eu pise no freio que percebo que é um erro. O carro puxa para a direita, saindo da estrada para a grama. Eu grito quando entro direto em um enorme portão de ferro. Minha cabeça bate no volante e dor explode através de mim.

Pontos pretos dançam diante dos meus olhos enquanto eu tento mantê-los abertos. Eu rosno e me inclino para trás, trazendo minha mão para a minha cabeça e sentindo a umidade lá. Quando olho meus dedos, vejo sangue. Eu solto o cinto de segurança e alcanço a porta, empurrando-a, mas ela não abre.

Meu corpo todo dói e começo a chorar mais uma vez. Ele vai me encontrar. Ele vai me mandar de volta. Eu sei isso. Não sei o

que é pior: o hospital ou a casa do meu avô. O hospital. Eles estavam sob seu polegar, assim como todo mundo estava.

Eu empurro a porta novamente quando o pânico me agarra. Eu tenho que sair daqui. Eu empurro o máximo que posso, mas nem sequer se move. As manchas pretas dançam nos meus olhos novamente. Espere, isso não é um ponto. É uma pessoa do outro lado do portão. Eu vejo a figura se mover, tentando abrir o portão. Quando não funciona, ele escala o portão tão rápido que tenho quase certeza de que desmaiei por um momento. Ele cai no capô do carro.

A figura grita alguma coisa, mas não consigo ouvi-lo. Eu tento responder, mas nada sai quando eu abro minha boca. O vidro se quebra momentos depois e um homem encapuzado aparece.

—Por favor, — eu imploro, mas não consigo tirar o resto das palavras da minha boca. Ele se aproxima e me puxa do carro. Ele envolve algo ao meu redor, me protegendo da chuva que está caindo, e me puxa para seus braços com facilidade. Eu tento envolver meus braços ao redor do pescoço do homem, mas eles se sentem muito pesados.

—Por favor, — eu digo novamente.

—Eu tenho você, pequenina. — Eu coloco minha cabeça contra seu ombro enquanto meus olhos se fecham.

—Não desmaie em mim. — Eu abro meus olhos e o mundo ao meu redor gira. As sacudidas no meu corpo logo me fazem perceber que ele está correndo.

Onde estou? Meu corpo dói em todos os lugares. Minha mente entra e sai de foco enquanto tento me concentrar no que acabou de acontecer comigo.

Eu tento olhar para quem está me carregando, mas algo está me cobrindo. Bloqueando-me da chuva que ouço caindo agora. Um flash do rosto do meu avô entra e sai da minha mente.

—Por favor. Não deixe que ele me encontre.

Os passos do homem vacilam por um momento. —Eu ouvi você. Eu prometo que você está segura comigo.

—Segura, — repito. A palavra parece tão estranha na minha boca. Desconhecida. Eu relaxo no homem, por alguma razão acreditando nele. Meus olhos se fecham novamente. —Você vai me manter segura? — Eu sussurro. Tenho certeza que ele não pode me ouvir. A chuva está muito alta.

—Sempre, — sua voz áspera e profunda responde antes de eu cair na escuridão.

CAPÍTULO DOIS

ORLANDO

Eu puxo o seu pequeno corpo para perto. Meu coração ainda está batendo acelerado quando não deveria estar. Eu sou mais do que apto. Eu posso correr por milhas sem ficar sem fôlego. Mas agora, não consigo fazer meu coração desacelerar. Quando eu bati na minha varanda, Marta abriu a porta e olhou para mim com os olhos arregalados.

—Senhor? — ela pergunta. Seus olhos vão para a menina pequena em minhas mãos.

—Chame o Médico e peça ao seu marido para tirar o carro do meu portão. Coloque na garagem por enquanto — digo a ela enquanto subo as escadas, subindo dos degraus de cada vez. Eu não sei porque, mas eu vou direto para o meu quarto. Eu chuto a porta aberta e vou para a cama, deitando-a nela. Eu puxo a bandeira para longe dela. Eu protegi o corpo dela com isso, protegendo-a da chuva.

Eu estava correndo para fora para pegar a bandeira quando a chuva começou a cair. Quando peguei, comecei a correr de volta para a casa. E então eu ouvi o barulho alto. Saí em direção ao som para ver algum velho carro esportivo antigo batendo na lateral do portão. Irritação me atingiu no começo.

Quão estúpido alguém estava dirigindo um carro assim em uma tempestade como essa? Quando aterrissei no capô do carro

depois de subir o portão e ver a jovem lá dentro, o protecionismo me atingiu como um maldito trem de carga.

De alguma forma, eu tinha conseguido empurrar o carro um pouco, depois abri os portões para poder passar por eles sem precisar subir. Depois de quebrar a janela, puxei-a do carro.

Os mais doces olhos de chocolate encontraram os meus, mas a visão de seu sangue e o hematoma em sua bochecha me fizeram andar em uma borda dura que eu não acho que experimentei em meus dias como um Ranger. Eu olho para o anjo de cabelos escuros, não tenho certeza do que devo fazer a seguir. Meus dedos coçam para estender a mão e tocá-la. Eu só me detenho por um momento antes de tirar o cabelo molhado do rosto dela.

—Foda-se, — murmuro. Mesmo com o pequeno corte na testa e a ferida, é fácil ver que ela é de tirar o fôlego. Ela realmente parece um anjo de cabelos escuros. O vestido branco que moldou seu corpo só a torna mais verdadeira. Eu não posso deixar de notar que seus mamilos são cheios e estão duros. Meus olhos travam lá.

Eu rosno e me afasto. Ela está machucada e eu estou a cobiçando. É isso que acontece quando você passa anos em sua casa e mantém o resto do mundo de fora? A visão de uma mulher como ela envia você para a luxúria completa?

Não, não pode ser isso. Embora eu possa manter o resto do mundo a distância, ainda tenho funcionários que vêm e vão. Algumas são do sexo feminino e eu nunca tive uma reação como essa antes. Eu corro minha mão pelo meu rosto e tento me recompor. Eu preciso ajudá-la.

Eu vou em direção ao banheiro e pego algumas toalhas e panos. Eu vasculho as gavetas procurando por algo que possa ajudá-la. Quando eu corro de volta para o lado dela, Marta está em pé na minha porta.

—Senhor? — Ela não tem certeza do que fazer, não por causa da garota, mas porque ninguém é permitido no meu quarto. Nem mesmo a equipe. Eu mesmo limpo. Eu não gosto de as pessoas estarem no meu espaço pessoal. Eu mantive essa peculiaridade quando me aposentei de ser um Ranger.

—Entre, — eu grito, empurrando isso além da minha própria besteira. Isso não é sobre mim. É sobre a pequena que foi enviada para a minha porta. Aquela que está em apuros, e não apenas de seus ferimentos.

—Por favor. Não deixe que ele me encontre.

Suas palavras baixas surgem em minha mente novamente. O traço de medo que eu ouvi. Estava lá. Essa garota está fugindo.

—O médico? — Eu pergunto.

—Ele está de folga, — ela me diz, parando ao lado da cama.

—Ele estava em casa quando você ligou? — Ela acena com a cabeça. Bom. Isso significa que ele está muito próximo, pois ele vive na frente da minha casa. —E o carro? — Eu empurro. Se ela está fugindo de alguém, precisamos tirar o carro dela de vista. Agora.

—Ele já está trabalhando em movê-lo. — O trovão cai, fazendo minha garota estremecer. Minha mente congela com o meu deslize. Eu já penso nela como minha.

Por enquanto, ela é.

—Vou acender o fogo. Você vai... —Meus olhos percorrem a garota. —Tire-a das roupas molhadas. Ela vai pegar um resfriado. — Marta assente com a cabeça. Eu me forço para longe da cama e vou para o meu armário para encontrar uma camisa para ela colocar. Quando volto, eu xingo quando vejo Marta com o vestido empurrado para revelar suas costelas.

Contusões escuras mancham seu torso. Eu posso dizer que elas não são do acidente - uma marca de pancada. —Coitadinha, — diz Marta, olhando para mim. Eu respiro fundo, tentando esfriar a raiva batendo em mim. Quem diabos machucaria essa pequena coisa? Entrego a camisa a Marta e depois me viro para acender a lareira para garantir que o quarto fique quente.

Marta me avisa quando ela termina. Eu me viro e caminho em direção à cama.

—Espere na porta pelo Médico.

—Sim, senhor, — responde Marta e sai correndo do quarto. Sento-me ao lado da cama e pego uma das toalhas para limpar o sangue do rosto dela. O corte não é tão ruim quanto eu pensava. Não precisa nem de pontos.

Seus olhos se abrem. Minha respiração pega quando seus olhos vêm para os meus. Espero que ela grite. Meu rosto não é o mais bonito. Cicatrizes marcam o lado esquerdo. Elas não marcam

apenas meu rosto. O lado esquerdo do meu corpo combina com isso.

Mas ela sorri para mim. Ela levanta a mão e eu tenho que me impedir de me afastar quando ela toca o lado assustador. —Quem é você? — ela pergunta.

—Você não lembra? — Eu pergunto a ela.

Ela não me responde. —Estou com muito sono, — ela me diz. Sua mão cai do meu rosto e sinto falta do toque dela. Quando foi a última vez que eu deixei alguém me tocar? Os médicos, talvez?

—Eu acho que você deveria ficar acordada, pequena, — eu digo a ela. Eu vejo como ela faz beicinho no lábio inferior rechonchudo.

—Mas estou com sono. — Seus olhos começam a se fechar novamente. Eu a alcanço e corro meu polegar ao longo de sua mandíbula em direção aos lábios, querendo tocar aquele biquinho. Para saber se parece tão suave quanto parece.

—Senhor. — Eu empurro minha mão para longe. Marta está de pé na minha porta de novo e segurando um celular. —É o médico. Houve um deslizamento de rocha. Ele não pode chegar aqui. — Eu ando até ela e tiro o telefone da sua mão.

—John, — eu digo ao telefone. —Preciso de você aqui. — Eu posso ouvir o apelo na minha própria voz. Eu nunca imploro, mas aí está.

—O, me desculpe. Não está acontecendo. — John suspira no telefone. Eu sei que se ele está dizendo que ele não pode fazer isso, ele realmente não pode.

—Foda-se, — eu grito. Os olhos de Marta se arregalam.

—Diga-me o que está acontecendo. — Eu dou a John Cliff, notas incluindo encontrar o hematoma ao seu lado.

—Ela acordou e falou com você?

—Sim, ela não parecia estar com dor ou qualquer coisa. Até estendeu a mão e me tocou.

—E você deixou? — ele pergunta.

—John, — eu rosno, querendo que ele ficasse no assunto.

—Pegue seu telefone. Estou te mandando um link. — Eu puxo meu telefone do bolso de trás, sabendo que isso deve estar acontecendo em algum lugar importante. Clico no link para fazer o download de um aplicativo conforme instruído.

—Feito. — Eu digo a ele.

—Eu quero que você abra o aplicativo, pressione o botão central enquanto segura a pálpebra dela. Deixe escanear seus olhos por três segundos. — Corro de volta para a cama, coloco o telefone de Marta no viva voz e o coloco ao meu lado na mesa de cabeceira.

Eu levanto sua pálpebra e sigo as instruções de John. A tela acende e apaga quando enquanto feito. A tela pisca.

Eu olho para a tela. *O estado do paciente é: Normal*

Eu solto um suspiro de alívio. —Diz normal.

—Bom. Então deixe-a descansar, — diz John. —Trate os cortes e me ligue quando ela acordar. Talvez eles tenham a estrada limpa até lá. — Eu concordo.

—O, você tem tudo isso?

—Sim. Eu posso fazer isso, — digo a ele. Ainda estou me divertindo com o alívio que estou sentindo que o exame disse que ela estava bem.

—Tente não a assustar.

—Foda-se, — digo a ele. Ele ri e eu termino a ligação. Eu entrego o telefone de volta para Marta.

—Eu tenho isso aqui, — digo a ela. Ela balança a cabeça e sai. Fecho a porta e a tranco e retorno a minha posição na cama. Eu pego sua mão e a seguro na minha. Deus, ela é tão pequena. Sua mão pega a minha e ela rola para o lado. Ela recua um pouco em seu próprio movimento, mas se aproxima de mim, sua pequena mão não solta a minha.

Quando olho para ela desamparada diante de mim, sei que manterei minha palavra para ela. Eu vou mantê-la a salvo de tudo.

Exceto talvez eu.

CAPÍTULO TRÊS

ORLANDO

Me assusto quando eu acordo, sentindo calor contra mim. Meus olhos se abrem quando percebo que é ela. Seu pequeno corpo está aconchegado contra mim, seu rosto enterrado no meu pescoço, seu hálito quente soprando contra a minha pele. Uma de suas pernas está jogada sobre mim e meu pau muito duro está pressionado contra ela. Ela está se agarrando a mim enquanto dorme e eu estou fazendo o mesmo. Meus braços estão enrolados nela em um abraço apertado. Eu solto um pouco, com medo que eu possa estar machucando-a, mas ela solta um pequeno suspiro e se aconchega ainda mais em mim.

Eu tenho que lutar contra um grunhido. Esta é a mais doce tortura que já senti na minha vida. Eu respiro fundo e um doce cheiro adocicado de mel enche meus pulmões. É a única maneira que eu posso pensar em descrever o cheiro dela. Eu estou instantaneamente viciado nisso. Eu inclino minha cabeça para baixo um pouco para respirar fundo, correndo o nariz para frente e para trás através do cabelo dela.

Eu rosno e meu pau dá um puxão. Isso me impele a rolar em cima dela e puxar sua calcinha branca que eu vi que ela tinha debaixo da minha camisa para o lado e deslizar para dentro dela. Minha mente pisca para todas as coisas que eu poderia fazer para seu pequeno corpo. Eu rosno Eu tenho que sair dessa cama.

Cuidadosamente, eu deslizo para fora da cama sem perturbá-la. Quando entro no banheiro, tiro minha roupa e entro no chuveiro, colocando o frio no máximo, tentando diminuir meu desejo, mas não faz nada. Eu olho para o meu pau e sei que não vai descer a menos que eu faça algo sobre isso.

O sentimento é tão estranho. Não me lembro da última vez que me masturbei. Não tive vontade. Claro, eu fico duro de vez em quando. Não porque eu estou ligado, mas porque sou um homem e essa merda acontece, mas nunca houve um desejo de fazer nada sobre isso. Não desde que cheguei em casa. Eu pensei que parte de mim havia morrido e isso não me incomodava. Agora está correndo para a vida.

Eu envolvo minha mão em volta do meu pau e dou um golpe forte. Estou com raiva de mim mesmo pelos pensamentos que tive sobre a menina na minha cama. Estava errado. Ela estava desamparada. Assustada e claramente fugindo de alguém, mas meu corpo não dava a mínima.

Eu rosno quando eu bombeio mais rápido, imaginando-a na minha cama. Não demora muito e estou gozando forte. Anos do que eu só posso imaginar ser uma necessidade desconhecida, atirar do meu pau. Eu acabo e fico quieto, mas outro rosnado alto é puxado de mim. Eu caio de volta no banco no meu chuveiro e inclino a cabeça enquanto tento recuperar o fôlego. Não sei quanto tempo fico ali sentado, me afogando em uma mistura de vergonha e prazer.

Eu fico em pé e finalmente me lavo, fazendo um rápido trabalho em minha rotina matinal. Assim que estou vestido, vou até minha cama e dou uma olhada nela. Ela está lá em paz. O

hematoma em sua bochecha parece pior, mas o corte está melhor. Eu coloco alguns analgésicos e um copo de água ao lado da cama, junto com um bilhete para o caso dela acordar, dizendo-lhe para descer se ela tiver vontade. Se não, voltarei logo para ver como ela está. Espero estar de volta antes que ela acorde. Eu não quero que ela acorde sozinha em uma cama estranha.

Eu preciso ir até o carro dela. Caso contrário, ficaria até que ela acordasse. Eu quero ver se consigo descobrir algo sobre ela. Até mesmo um nome faria eu me sentir melhor. Eu odeio não saber nada sobre ela. Então eu posso tentar descobrir de quem ela está fugindo. Meus passos vacilam quando penso em como poderia ser um marido ou namorado. Eu cerro meus dentes. O ciúme corta através de mim como uma faca quente através da manteiga, quase tirando o ar dos meus pulmões.

Eu empurro de volta e saio pela porta da frente, correndo em direção à garagem isolada onde eu abrigo veículos extras. A chuva ainda está caindo forte, e eu me pergunto quanto tempo essas tempestades vão durar. Eu sei que eles disseram que seríamos atingidos uma após a outra pelos próximos dias.

Quando ando até o carro, sei que a coisa está feita. Uma mochila está no assoalho do lado do passageiro, então eu pego e puxo tudo para fora do porta-luvas também. O resto do carro está limpo. Nada mais que vidro quebrado. Eu volto para a casa e para o meu escritório. Eu quero passar por isso agora. Marta me cumprimenta momentos depois com uma xícara de café enquanto coloco as coisas na minha mesa.

—Obrigado. — Eu pego o copo e tomo um grande gole.

—Como ela está? Eu preciso levar alguma coisa para ela?

Eu balanço minha cabeça. —Ela ainda está dormindo. Eu vou deixar você saber se ela precisar de alguma coisa. — Por alguma razão, não quero que ela vá até lá. Eu quero que todos fiquem longe dela. Se ela precisa de algo, eu quero ser o único a conseguir isso por ela. Ser o primeiro que ela vê quando acordar novamente. Um pouco de medo corre pela minha espinha de que ela possa ter medo de mim quando ela olhar para o meu rosto. Eu sacudo o pensamento. Não há nada que eu possa fazer sobre isso. Meu rosto é o que é, mas ainda não me importo com a ideia dela me temer.

Marta assente e sai do quarto. Eu abro a mochila e despejo o conteúdo na minha mesa. Roupas caem. Eu pego uma blusa e coloco no meu nariz. O cheiro doce de mel está lá. O topo é legal. Eu posso dizer pela sensação disso. Todas as roupas também estão. Até a mochila é de designer. Ela vem do dinheiro. Eu sei. Eu também venho.

Cavando até o fundo, finalmente vejo algo que pode ajudar. — Porra do inferno, — eu grito quando vejo que é uma identificação do ensino médio com a foto dela. Meu intestino aperta quando eu bato o mouse no computador e digito o nome dela e a escola.

Eu caio de volta no meu lugar quando vejo que ela se formou há alguns anos, provavelmente colocando-a em torno de vinte. Eu paro quando surge uma foto dela com um homem que parece familiar. Eu vasculho meu cérebro, mas nada vem.

—Lucy. — Seu nome rola facilmente da minha língua. É bonito. Suave. Como ela. Eu pego suas coisas e as coloco de volta em sua bolsa e subo as escadas. Eu paro quando chego ao topo

quando percebo que não chequei meus e-mails do trabalho ou qualquer coisa. Isso vai esperar.

Quando abro a porta, vejo que ela ainda está dormindo. Eu pego o bilhete que deixei e o jogo fora antes de entrar no meu armário e colocar as roupas dela. Quando saio do armário eu congelo quando a vejo sentada na cama.

Ela se vira para olhar para mim, seu cabelo ondulado escuro caindo ao seu redor. Ela olha para mim e eu espero ela gritar, mas ela não grita. Ela inclina a cabeça para o lado, me estudando.

—Quem é você? — ela pergunta. Sua voz é suave. Eu dou alguns passos para mais perto dela, e os olhos dela vagam pelo meu corpo. Eu não sou um homem pequeno por qualquer meio. O exercício é a única maneira de limpar minha mente e energia extra. Acrescente as cicatrizes e estou surpreso que ela não esteja gritando, mas ela ainda parece um pouco cautelosa.

—Eu sou Orlando, — digo a ela, tentando fazer minha voz profunda suave para ela. Eu não quero assustá-la. Ela acena com a cabeça. Então ela é a única a me assustar.

—Quem sou eu?

CAPÍTULO QUATRO

LUCY

Eu olho para o homem de pé ao lado da cama. Ele parece familiar, mas não posso identificar totalmente. Um traço de medo corre através de mim enquanto eu rodo meu cérebro em busca do meu nome, mas nada vem.

—Lucy. — Ele estende a mão, tocando minha bochecha. Eu me inclino em seu toque. Uma memória de sentir-me sobre seu peito passa pela minha mente. Ele me segurando perto enquanto eu estava envolvida em torno dele o mais forte possível. *Lucy*. Esse é o meu nome. O nome não parece familiar, mas ele parece.

—Você é meu marido? — Eu pergunto. Meu lindo marido. Ele tem que ser se a minha memória é real. Minhas bochechas queimam com a pergunta. Seu polegar continua na minha bochecha. —Eu estou assustada. Não me lembro de nada. Mas lembro de você me segurando perto de você durante a noite. Você é meu marido, —eu empurro, querendo que seja verdade.

Ele concorda. Relaxo. —Você disse que me manteria segura. — Eu me lembro de uma outra memória passando pela minha mente.

—Eu vou, — ele jura, sentando-se na cama ao meu lado. Seu grande corpo preenche todo o espaço ao meu lado. É estranhamente reconfortante.

—O que aconteceu comigo? — Eu pergunto. Quando o trovão troveja, grito e me lanço em Orlando. Ele me pega facilmente e eu me enrolo em seu colo, enterrando meu rosto em seu pescoço.

—Está tudo bem, pequena. É só a tempestade. Vai ser assim por um tempo. Eu prometo que você está segura aqui. — Ele esfrega a mão para cima e para baixo nas minhas costas. Eu não sei porque o medo me agarrou com tanta força ao som do trovão. Mas isso aconteceu.

Eu relaxo nele enquanto ele continua a esfregar minhas costas suavemente. —Você destruiu seu carro dirigindo-o para o portão da frente. Bateu sua cabeça muito forte, — ele finalmente me diz. Eu tento lembrar, mas nada vem.

—Eu não me lembro. — Eu suspiro, respirando-o. Seu cheiro é reconfortante.

—Como você está se sentindo? Sua cabeça dói? Seus lados? — Eu me afasto um pouco e trago minha mão para a minha cabeça. Quando eu toco o ponto dolorido, fico tensa e ele amaldiçoa em frustração.

—Aqui. — Ele pega algo na mesinha e me entrega duas pílulas e um copo de água. Eu as engulo.

—Eu não sabia que estava com muita sede. — Eu entrego-lhe o copo vazio. Ele coloca na mesa de cabeceira.

—Está com fome? — Eu aceno e meu estômago ronca como se estivesse confirmando.

—Eu deveria estar preocupada? Não me lembro de nada além de você... um pouco. — Ele me levanta.

—Teste suas pernas, — ele me diz enquanto abaixa meus pés no chão. Eu faço com facilidade. —Tenho certeza que vai voltar. Você teve uma concussão. Se dê um tempo, pequena. — Ele me beija no topo da minha cabeça, fazendo-me sorrir para ele. Eu me sinto imediatamente melhor por algum motivo.

—Banheiro? — Eu pergunto. Ele aponta para algumas portas duplas. —É bobo eu estar perguntando do banheiro em nossa casa? — Eu rio e ele fica tenso por um momento.

—Não querida. Vai. Eu vou esperar por você aqui, — ele me diz. Eu ando em direção ao banheiro, um tanto instável, e entro. Eu paro quando olho no espelho. Eu não estou chocada com o que vejo. Eu me reconheço. Eu toco o corte na minha testa. Não dói tanto quanto parece. Eu pareço uma bagunça quente.

Eu uso o banheiro antes de começar a abrir gavetas, tentando encontrar minha escova de dentes e uma escova para o meu cabelo. O que eu realmente preciso é de um banho, mas eu quero comida primeiro. Há uma batida na porta.

—Entre, — eu chamo. Orlando entra hesitante, parecendo inseguro.

—Não consigo encontrar minha escova de dentes. Ou minha escova de cabelo. — Eu suspiro, voltando-me para olhá-lo. Com as luzes do banheiro acesas, posso vê-lo melhor agora. Seu cabelo escuro é cortado curto. Meus dedos coçam para tocar. Seu rosto é todo linhas e ângulos duros. Emparelhado com as cicatrizes de um

lado e seu tamanho que é o dobro do meu, ele me lembra um guerreiro feroz. Ele é robusto e bonito. Talvez isso deveria ser assustador, mas acho isso reconfortante. Ele não estava mentindo. Ele pode me manter segura, e uma pequena parte irritante na parte de trás da minha cabeça me diz que eu preciso disso.

—Deixe-me pegá-los para você. — Ele me pega pelos quadris, e minhas mãos vão para seus ombros enquanto ele me coloca no balcão do banheiro. Ele abre um dos armários ao lado das pias duplas e pega uma escova de cabelo e uma escova de dentes ainda na embalagem.

—Por que eu não tenho uma escova de dentes? — Eu pergunto quando começo a escovar meu cabelo. Ele pega a escova de mim e faz isso por mim. Meus olhos se fecham com a sensação de relaxamento.

—Nós somos recém-casados. Você ainda não se mudou completamente. — Eu abro meus olhos para olhar para ele. Ele coloca a escova para baixo, pega a escova de dentes e aplica um pouco de pasta nela. Eu me viro para o espelho e começo a escovar meus dentes. Quando termino, ele coloca minha escova de dentes em um suporte, ao lado da dele - bem, estou assumindo que é dele. Eu desço do balcão. Se formos recém-casados, talvez seja por isso que ele parece um pouco hesitante ao meu redor. Ele não está acostumado a viver junto.

—Eu deveria mudar de roupa? — Eu pergunto, olhando para a grande camisa que estou usando. Diz *Ranger* no peito. Eu toco as letras.

—Você era um Ranger. — Eu sorrio. Estou feliz por ter juntado algo. Ei, pode ter sido pouco para mim, mas eu aceito.

—Eu fui. — Ele me dá um sorriso em troca, mas parece forçado. Eu me pergunto se ele conseguiu as cicatrizes de seu tempo de serviço. Eu não pergunto, me sentindo culpada por não saber disso. É algo que eu deveria saber. Ele é meu maldito marido.
—Está tudo bem. Deixe-me pegar algumas meias. O chão de madeira pode ficar frio. — Ele pega minha mão, trancando seus dedos com os meus quando entramos em um armário gigante. Eu olho em volta. É tão grande quanto um quarto, talvez maior, mas percebo que há muito espaço vazio.

—Esse lado é para mim? — Eu pergunto. Ele concorda.

—Seu material chegará em breve. Há um atraso por causa das tempestades.

Ele se ajoelha diante de mim. Eu coloco minhas mãos em seus ombros enquanto ele coloca meias nos meus pés. Eu levanto uma mão e faço o que eu tenho vontade de fazer. Eu corro meus dedos pelo seu cabelo. Ele congela e eu puxo minha mão para trás.

—Desculpa. Eu... — Eu paro. É estranho tocar meu marido?

—Não, está tudo bem. — Sua voz é rouca quando ele diz isso.
—Eu só não quero que você faça nada que você não queira. Se você não se lembra de tudo.

Eu sorrio para ele e dou de ombros. —Eu me sinto segura com você. Próxima, até mesmo. — Ele sorri para mim agora. —Quero dizer, você é meu marido, certo? Tenho certeza de que fizemos

mais do que isso. — Mesmo quando digo isso, sinto o calor do meu rosto.

O sorriso escorrega de seu rosto uma fração. —Eu preciso alimentar você. — Ele fica de pé e cobre meu rosto. Ele vira minha cabeça para cada lado, olhando para o corte e contusão. Então ele se inclina para frente, beijando cada um. Minha respiração engata na doçura. Ele está me mostrando que tipo de marido ele é, e me sinto ainda mais à vontade agora.

Sim, estou muito segura com ele. Como eu poderia não estar?

CAPÍTULO CINCO

ORLANDO

Eu a conduzo pelas escadas, sua mão fechada na minha. O que diabos eu estava pensando? Ela parecia tão assustada sentada ali na minha cama, então quando ela perguntou se eu era seu marido, eu disse sim pensando que isso a deixaria mais à vontade.

Mentira, meu subconsciente diz. Eu empurro isso. Eu sei que estou gostando dela pensando que sou o seu marido. Quando ela perguntou e eu confirmei, ela aceitou facilmente. Ela sorriu para mim e olhou para mim completamente. Mesmo quando ela estava com medo, ela pulou em cima de mim.

Ela não percebeu minhas cicatrizes ou perguntou sobre elas. Eu realmente esqueci sobre elas até que eu entrei no banheiro e tive um vislumbre de mim mesmo.

—O que você gostaria de comer? — Eu pergunto a ela quando entramos na cozinha. Eu a levo até a ilha e a coloco na cadeira.

—Não tenho certeza. Você não sabe do que eu gosto? — Ela pergunta enquanto seus olhos percorrem a cozinha, absorvendo tudo. Eu faço o mesmo. O local poderia usar uma atualização. Tudo é de madeira escura e parece rico e quente. Lembro-me de minha mãe refazendo o lugar quando eu era jovem, então tenho certeza que pelos padrões modernos está desatualizado. É algo que nunca pensei antes. Até agora. Eu quero que ela goste daqui.

—Precisa de um toque moderno. Você pode mudar o que quiser. — Isso rola direto da minha língua, me pegando de

surpresa, mas percebo que é a verdade. Ela poderia mudar qualquer coisa que ela quisesse, mas ela não é realmente minha esposa. Quando ela descobrir minha mentira, ela vai me deixar. Deixar esta vida e voltar para onde ela veio.

Meu corpo fica tenso. Não apenas com o pensamento de ela me deixar, mas para onde ela estaria voltando. Eu sei que ela não quer voltar. Ela estava correndo. Eu digo a mim mesmo que isso faz o que eu estou fazendo ser certo. Eu estou protegendo-a. Talvez ela nunca se lembre e fique aqui para sempre. Ou talvez eu pudesse fazê-la gostar tanto daqui que ela nunca mais vai querer sair quando ela se lembrar. Então eu não estarei mais sozinho. Eu vou ter ela.

—Eu estava apenas pensando que devemos ser ricos, — ela ri, e é então que eu vejo covinhas na bochecha dela.

—Algo parecido. — Eu balanço minha cabeça e sorrio para ela. Eu ando até a geladeira e vejo o que Marta tem. Ela sempre abastece a geladeira com coisas fáceis de montar.

—Que tal uma sopa? Agradável e fácil em seu estômago. — Ela acena com a cabeça. Eu pego o recipiente de sopa de galinha e trabalho para aquecê-lo. Quando me viro, vejo que ela está me observando.

—Então, o que é que eu faço? — Ela me pergunta, descansando os cotovelos no balcão. Ela parece tão leve e feliz, completamente à vontade com o que está acontecendo.

Meu cérebro congela. Eu não tenho ideia do que ela faz. Talvez ela esteja na faculdade. Essa seria a melhor aposta, mas eu não quero que ela se preocupe em ter que estar em algum lugar agora.

—Nada. Nós planejamos começar uma família. — Porra, por que essa merda continua saindo da minha boca? Por que estou me aprofundando nisso? Suas bochechas ficam rosadas e seus lábios carnudos formam uma forma de O perfeita. —Como eu disse, este lugar precisa de uma atualização, — eu corro para dizer, tentando mudar de assunto, porque meu pau está muito consciente do que algo assim significaria.

Ela embaixo de mim. Fodendo-a com meu pau enquanto eu a encho com o meu esperma. Meu pau duro desde que ela caiu na minha vida, vaza porra. A necessidade que tenho por ela pesa ainda mais.

—Eu não sei como decorar. — Ela olha ao redor da sala de novo, sem saber o que está fazendo comigo, um homem que está sempre no controle de tudo. Tudo em ordem e sempre um plano. Agora eu estou voando.

—Você pode contratar alguém para ajudar. Você só escolhe as coisas que você gosta. Torne-a nossa. — Seu rosto se ilumina e ela parece gostar da ideia. Bom.

—E o que é que você faz?

—Desde que me aposentei dos Rangers, administro ações e investimentos. Tudo isso pode ser feito em casa, no meu escritório, onde passo a maior parte do tempo. Para ser honesto, sou um garoto do fundo fiduciário e me dei muito bem com meus

investimentos. Meu pai me ensinou bem. Fora isso, eu malho — digo enquanto puxo a sopa do fogão e despejo em uma tigela. Eu pego uma colher e coloco na frente dela. —Cuidado. Está quente.

Ela pega a colher. —Obrigada. — Ela sopra antes de tomar um gole. Eu volto para a geladeira e pego algo para ela beber, então me sento ao lado dela. Eu quero estar perto. Eu a vejo comer. De vez em quando ela olha para mim e eu vejo um rubor escurecer suas bochechas.

Eu estendo a mão e toco em uma de suas longas mechas escuras, envolvendo-a em volta do meu dedo. Escovar seu cabelo esta manhã parecia tão natural, mas ainda assim o que ficava me incomodando era que ela não se esquivava de mim. As cicatrizes não a incomodaram.

Ela lambe os lábios. —Isto está muito bom.

—Estou feliz que você esteja gostando. — Ela olha para mim, seus olhos fixos nos meus. O calor deles me faz querer estar mais perto dela. É uma sensação estranha para mim. Eu mantive todos a distância desde que voltei para casa, mas com ela, algo é diferente. Eu estou desejando seu toque. Eu me inclino e ela me encontra no meio do caminho. Nossos lábios se escovam.

—Oh, desculpe, senhor. — Nós nos afastamos um do outro.

—Marta, — eu grunho. Meu tom é mais duro do que deveria ser. A cozinha é realmente o domínio de Marta.

—Você está se sentindo melhor? — ela diz para Lucy, me ignorando.

—Sim, obrigada. — Lucy lhe dá um pequeno sorriso. Minha mandíbula aperta porque quero a atenção de Lucy de volta para mim. Como se eu fosse uma fodida criança. Eu tenho que ficar calmo antes de fazer algo que a assuste.

—Marta, um momento, — digo a ela. Eu me levanto da cadeira e me inclino ao lado de Lucy. —Coma, pequena. — Eu beijo o topo de sua cabeça. Marta me encara com os olhos arregalados.

—Meu escritório. — Marta sai correndo. Eu escovo o cabelo de Lucy longe de seu ombro nu. Eu a beijo lá dessa vez, em seguida, puxo a camisa para cima novamente. Eu não quero que ela fique com frio. Eu sei que não deveria estar fazendo isso ou chegando tão perto, mas não posso evitar. Eu escovo meu nariz ao longo de seu pescoço, respirando-a. Deve agradá-la porque ela ri. O som mais doce que já ouvi, e sei que tenho que me afastar dela por um momento e me recompor.

—Eu já volto. — Eu me afasto dela. Minha cabeça está em um nevoeiro enquanto eu volto para o meu escritório, onde Marta está esperando do lado de fora. Eu falo para ela entrar.

—Eu te pago muito bem, Marta, — eu começo, dando a volta na minha mesa e me sentando. Seus olhos se arregalam um pouco.

—Você faz, senhor, — ela concorda. Ela está com minha família há mais de vinte anos. Ela e o marido moram em uma cabana na parte de trás do lado leste, e ela ainda está perto de minha mãe.

—Ela acordou assustada. Pensou que nós éramos casados. Eu fui com isso. — Eu não sei como ela consegue, mas seus olhos ficam

ainda maiores. —Você não vai dizer a ela de outra forma. — Eu digo com meu tom firme. Ela não diz nada por um momento.

—É claro, — ela finalmente concorda.

—Bom. — Eu estou de pé. Eu sinto alguma tensão me deixar. Pelo menos essa é uma coisa a menos para se preocupar. O resto da equipe saiu para o longo fim de semana do Dia do Trabalho, então não vou ter que me preocupar com mais ninguém.

—Senhor. Eu vim te ver por um motivo. — Ela torce as mãos na frente dela. —Você deveria ver as notícias. — Ela caminha até a TV na parede e liga. Uma foto de Lucy preenche a tela.

Garota local desaparecida está escrito sob ela. Eu não deveria estar chocado com isso. Claro, ela foi relatada como desaparecida. Quem quer que a tenha perdido a quer de volta. Eu não os culpo. Mas eu vi a marca nela. Eles não estão conseguindo ela.

—Você viu as marcas nela também, Marta.

—Sim, por que você acha que eu estou bem em manter meus lábios selados? Ela está segura aqui.

Então a TV pisca para quem ela pertence. Meu intestino aperta. Kurt Lockwood. O avô dela. E meu intestino sabe que é ele quem colocou essa marca nela. Eu noto que seu braço está engessado e me pergunto como ele quebrou. Lockwood é um filho da puta. Ele tem sorte de não estar atrás das grades por toda a merda que ele fez quando era promotor público. A única coisa que o salvou todos aqueles anos atrás foi o dinheiro de sua família.

Eu só sei disso porque eu lembro do meu pai lidando com o homem. O público em geral não sabe o quão sujo ele é. Mas quando você tem dinheiro, você tende a acabar se acotovelando com outros que também o fazem.

—Por favor, se alguém a viu, nos ligue imediatamente. Nós pensamos... — Ele se interrompe como se estivesse prestes a chorar, mas não vejo lágrimas. —Ela é mentalmente instável.

Eu rosno e bato o botão de desligar.

Mentalmente instável, minha bunda.

—Ela não se lembra? — Marta levanta uma sobrancelha em questão e minha raiva aumenta ainda mais.

—Não compre suas besteiras. Você quer saber o que é um pedaço de merda que Kurt Lockwood é, pergunte a minha mãe quando você ligar para ela, porque Deus sabe que você provavelmente já fez e disse a ela o que está acontecendo. — Eu olho para Marta. Ela não nega, me dando resposta suficiente. Estou surpreso que minha mãe não está explodindo meu telefone já.

—Orlando. — Minha cabeça vai para a porta onde Lucy está agora, linda como sempre.

—Isso vai ser tudo, Marta, — digo a ela. Ela balança a cabeça e nos deixa em paz, mas sei que ela quer dizer mais. Seria inútil, no entanto. Quando penso em algo, não há como mudar isso.

—Sinto muito se estou interrompendo. — Lucy enfia um pouco de cabelo atrás da orelha nervosamente.

—Nunca. Você pode vir me procurar sempre que quiser. — Ela entra no meu escritório e olha em volta. —Eu me sinto rude. Tenho certeza de que deveria conhecê-la, mas não faço. — Eu a alcanço, puxando-a para baixo em um sofá comigo e no meu colo.

—É estranho que esta seja a minha casa e eu não tenho ideia de para onde estou indo. Caramba, quero dizer, qual é o nosso sobrenome?

—Caldwell.

—Lucy Caldwell. — Eu aperto meus braços ao redor dela, gostando de ela dizer seu nome com o meu anexado a ele. Meu pau se agita sob sua bunda, e ela se agita por um momento, em seguida, solta um pequeno suspiro quando ela finalmente percebe no que está balançando sua bela bunda contra.

—Desculpa. — Eu olho para ela. Suas bochechas ficam rosam e ela morde o lábio, olhando para mim com muita inocência. Ela parece inocente, mas eu juro que ela foi enviada para me tentar. Para me atrair para fora do espaço, eu não deixei ninguém entrar em anos.

Ela se vira, montando minhas coxas, me pegando de surpresa por causa da timidez que ela tinha mostrado momentos atrás. Suas mãos vão para os meus ombros. —Você vai me beijar?

Eu deveria dizer a ela que não devíamos, mas como tudo mais hoje, eu não tenho controle. Estou nela antes que ela possa terminar a frase. Nenhum homem poderia recusar um convite como esse dela. De alguma forma, com a necessidade de empurrar para baixo em mim, tentando me separar, eu consigo beijá-la

suavemente, pegando seu rosto em ambas as minhas mãos e pressionando meus lábios contra os dela.

Ela solta um som fofo que me empurra. Eu deslizo minha língua ao longo da costura de seus lábios, persuadindo-a a separá-los para mim. Ela faz. Eu deslizo minha língua em sua boca. Eu rosno quando aquele doce sabor de mel bate na minha língua. Ela envolve as mãos em volta do meu pescoço, me puxando para mais perto, seus seios empurrando contra o meu peito. Seus mamilos duros me dizem o quanto seu corpo está gostando disso.

Ela solta um pequeno gemido quando começa a balançar contra mim, sua buceta pressionando no meu pau enquanto ela empurra a língua na minha boca agora, imitando o que estou fazendo. Ela é lenta e hesitante, destacando sua inocência. Eu agarro seus quadris, arrastando-a para frente e para trás em meu pau mais rápido.

Ela puxa a boca da minha e deixa cair a cabeça para trás enquanto continua balançando. Nossos movimentos imitam o sexo, e minha mente salta para uma imagem dela nua. Eu dentro dela. Um gemido me abandona quando penso que talvez nunca conheça essa realidade, mas afasto-o. Eu preciso viver neste momento. Eu não suporto mais não a beijar, então eu vou para o pescoço dela, querendo senti-la contra a minha boca novamente. Provando-a.

—Orlando, — ela geme. Seus movimentos se tornam frenéticos enquanto ela procura pela liberação. Eu tomo o controle de seus quadris para ela, levando-a onde eu sei que ela precisa ir. Meu próprio pau implora por liberação, também, mas todo o meu foco está nela. Eu quero dar isso a ela. Ela passou por tanta coisa

nas últimas vinte e quatro horas. Eu quero encher seu corpo com prazer.

Ela empurra contra mim, chamando meu nome. Seus dedos cravam em mim. Eu a balanço, puxando cada gota de prazer de seu orgasmo quando o meu me atinge. Eu grunho contra seu pescoço enquanto porra dispara para fora do meu pau e por toda a minha coxa dentro da minha calça.

Sua cabeça cai para frente, seu cabelo caindo ao nosso redor. Seus olhos se abrem. Um sorriso sexy cobre seus lábios carnudos que agora estão inchados pelo beijo que eu dei a ela. Ela parece bem-amada. —Uau, não admira que eu tenha casado com você, — ela sussurra. Isso me bate de volta à realidade. Minhas mãos apertam em seus quadris. Não, ela realmente não é minha esposa, e a qualquer momento ela poderia ser tirada de mim. O pensamento é um balde frio e duro de água.

—Nós provavelmente não deveríamos ter feito isso, — eu admito. A culpa deveria estar me atingindo mais forte, mas à medida que o tempo passa e eu estou com ela mais, está realmente começando a escorregar quando ela começa a se sentir mais parecida com a minha.

—Mesmo? Porque eu meio que quero fazer isso de novo. — Ela me dá um meio sorriso, e eu gemo, sabendo que se ela empurrar eu vou quebrar e dar a ela tudo o que ela pede. Ela poderia me pedir para entregar tudo que eu tenho e eu faria.

—Eu quero fazer isso de novo, mas eu deveria estar cuidando de você.

—Tenho certeza que você acabou de fazer. — Seu tom é brincalhão, e eu a vejo tentar lutar com uma risada enquanto seus olhos dançam com malícia. Ela está me dando ainda mais de quem ela é e eu aceito avidamente.

Eu pego com ela em meus braços. Ela envolve as pernas firmemente ao meu redor o melhor que pode. Eu vou cuidar dela. —Que tal um banho? — Eu sugiro. Eu quero ficar com ela, mas preciso de um momento para descobrir o que diabos está acontecendo com seu avô e o que ele disse. Para isso eu preciso ficar sozinho.

—Isso soa maravilhoso. — Ela solta as pernas, mas eu aperto meu aperto em sua bunda.

—Vou levá-la, — digo a ela enquanto saio do meu escritório e subo as escadas.

—Este lugar é muito grande, — diz ela, olhando em volta enquanto eu a carrego.

—Sim, mas eu principalmente fico na ala leste. Meus pais usam a oeste quando estão na cidade.

—Eles voltam para casa com frequência? — Ela pergunta quando entramos no nosso quarto.

—Eles se aposentaram quando cheguei em casa. Meu pai era um pouco viciado em trabalho e agora mamãe está arrastando-o para todas as férias em que pode pensar para compensar o tempo perdido. — Eu a sento no balcão do banheiro. Relutantemente, deixei-a ir para começar um banho.

—Parece que há espaço para dois. — Eu congelo, me virando para olhar para ela. Todo músculo do meu corpo fica apertado. Eu quero ficar de joelhos e agradecer a quem quer que tenha me enviado este anjo, mas Deus tenha alguma piedade. Um homem só pode segurar um pouco antes de quebrar.

CAPÍTULO SEIS

LUCY

Eu não posso acreditar que acabei de dizer isso. Talvez seja um capricho de personalidade que eu não sei que tenho onde eu deixo escapar o que quer que esteja na minha cabeça. Eu mordo meu lábio enquanto ele lentamente se vira para mim. Eu posso dizer que ele gosta da minha sugestão, mas está lutando contra si mesmo. Eu notei isso sobre ele. Ele é tímido ao meu redor, como se eu pudesse me assustar a qualquer momento. Talvez seja porque ele acha que ainda estou machucada. Eu sinto uma dor pelo meu corpo todo, mas quando eu estava em seu colo tudo o que eu sentia era prazer.

Foi maravilhoso. Eu tinha esquecido tudo o que estava acontecendo. Eu esqueci sobre como meu corpo ainda estava machucado, e me perdi nele. Foi perfeito, e eu quero mais disso. Eu tiro minhas meias, então eu deslizo do balcão e meus pés batem no chão de mármore frio. Eu pego a camisa, a puxo pela minha cabeça e a atiro no chão em seguida. Meus olhos ficam em Orlando porque quero ver sua reação. Seus olhos viajam pelo meu corpo, demorando-se nos meus seios por um momento, depois mais abaixo.

Quando seus olhos alcançam minha calcinha, eu coloco meus dedos nela, deslizo-a por minhas pernas e a atiro para longe.

—Foda-se, — ele murmura. Meus mamilos apertam quando eu faço meu caminho em direção a ele. Ele não se move. Quando estou a poucos metros dele, ele estende os dedos ao longo das

minhas costelas. —Isso dói? — Ele pergunta, e eu posso dizer que ele está tentando se distrair e lembrar a si mesmo que estou ferida. Eu olho para baixo e vejo a marca roxa e amarela.

—Só um pouco, — eu admito.

—O banho pode ajudar. — Seus olhos escuros permanecem no hematoma. Então ele cai de joelhos na minha frente, dando uma olhada melhor em mim. Eu respiro fundo quando ele me beija lá. Não uma, mas três vezes, muito gentilmente.

—Você vai se juntar a mim? — Ele olha para mim com um olhar de dor.

—Eu não deveria. Você deveria relaxar. — Eu posso dizer que as palavras são forçadas. Algo floresce no meu peito vendo este homem de joelhos na minha frente, lutando por algum tipo de controle. Eu alcanço e corro meus dedos pelo seu cabelo curto. Seus olhos se fecham, curtindo meu toque tanto quanto eu gosto de tocá-lo. —Eu não quero apressar nada. Você precisa de tempo.

Minha mão para. Eu não quero tempo. Ele é meu marido. A única pessoa em quem confio no mundo inteiro agora. Eu olho para a minha mão. —Onde está meu anel de casamento? — Pergunto-lhe. E se eu o perdi no acidente ou algo assim?

—Sendo ajustado. — Seus olhos se abrem enquanto ele se levanta e minha mão cai. Ele se vira, desligando a água. Ele gesticula para a banheira fumegante. —Relaxe. Eu preciso verificar algumas coisas.

Ele se inclina e me beija, me impedindo de tentar convencê-lo a se juntar a mim novamente. Eu vou deixar passar por agora. Ele

se afasta e me ajuda a entrar na banheira. Eu deixo escapar um suspiro quando me inclino para trás, deixando a água morna me lavar.

—Deus, isso é maravilhoso.

Eu abro meus olhos para vê-lo olhando para mim. Seus olhos percorrem todo o meu corpo, e eu lambo meus lábios imaginando como ele parece nu. —Pare de me olhar assim ou eu não vou conseguir me controlar. — Meus olhos voam de volta para os dele, percebendo que fui pega checando seu corpo. O homem é construído.

—Eu não vou parar você, — eu provoco. Ele balança a cabeça, passando a mão pelo rosto com um rosnado.

—Eu vou estar no meu escritório por um tempo. Aproveite o seu banho, pequena. — Ele se inclina sobre mim e me beija. Eu envolvo minhas mãos em volta do seu pescoço, aprofundando o beijo. Eu não me importo que eu provavelmente esteja molhando-o. Por alguma razão, sei que ele não se importará. Mesmo que eu não me lembre dele antes, há algo dentro de mim que me diz que eu estou segura. Está lá desde o momento em que acordei. Eu sabia que ele era meu de alguma forma.

Quando ele se afasta, eu dou uma desculpa para a camisa molhada dele. Estou surpresa quando ele tira a camisa e a joga fora, revelando seu peito largo. Ele pisca e sai do banheiro.

—Provocador, — eu digo a ele e ouço sua risada profunda em resposta.

É loucura o quão feliz e leve eu me sinto com tudo o que está acontecendo. Um sentimento relaxado e livre se instala em mim. Não sei quanto tempo fico na banheira. Quando a água finalmente esfria, puxo-me para fora, pego uma toalha para me secar e depois escovo meu cabelo molhado.

Eu vou em busca de algo para vestir. Eu vejo algumas coisas no armário que devem ser minhas. Há apenas um vestido, algumas camisas e algumas calças. Quando eu vou pegar um, eu paro. Meu estômago torce. Eu não quero vestir essas roupas. Eu me viro e vou até as roupas de Orlando e pego outra de suas grandes camisas.

Largo a toalha, mas congelo quando pego meu reflexo no espelho alto da parede oposta. Eu ando em direção a ela e toco o hematoma em minhas costelas. Quando chego perto, juro que parece uma marca de chute.

Eu fecho meus olhos e minha mente pisca para estar no chão e alguém me chutando com força. Eu me lembro de tudo, o ar deixando meus pulmões. Pânico tomando conta. Meus olhos se abrem e eu me viro do espelho. Essa sensação de pânico perdura ao meu redor. Eu quero correr para Orlando.

Lembro-me de flashes de um acidente, mas tem que haver mais. Há algo que meu marido não está me dizendo.

CAPÍTULO SETE

ORLANDO

—Me dê tudo o que você pode encontrar dela e do seu avô. Envie-me as coisas como você achar. Eu não estou esperando por tudo isso. Quando você consegue isso?

—Eu posso conseguir tudo para você em cerca de algumas horas talvez.

—Agora. Eu não me importo com o custo. O que quer que você esteja fazendo, largue isso, eu exijo.

—Tudo bem, — diz Mick, deixando escapar um suspiro alto, mas eu já o ouço clicando em seu computador. —Ela deve ser alguma coisa se ela tem todos trabalhado assim.

—Mick, — eu grito, mas isso só o faz rir. Nós trabalhamos juntos quando eu era um Ranger. Ele obteve informações e era bom nisso. Agora vou lhe pagar uma quantia em dinheiro por isso e provavelmente um favor.

—Vou começar a enviar as coisas. Já tenho algumas coisas enquanto falo com você.

—Obrigado. Devo a você. Isso significa muito para mim, — eu admito.

—Espero que tudo que eu receba seja uma boa notícia para você. Você merece isso. — Com isso, a linha cai. Eu deixo o telefone na minha mesa e abro meu e-mail para ver o que ele já tem. A

primeira coisa é o relatório da pessoa desaparecida. Diz que ela e seu avô entraram em uma briga e ela fugiu depois de roubar seu carro.

—Merda. — Não importa. Ela roubou aquele carro por um bom motivo. Eu poderia consertar isso fácil o suficiente. Em seguida, ele me envia seu diploma do ensino médio e notas. Estudante perfeita. Envolvida em todos os tipos de atividades extracurriculares. A lista de porcaria que ela fez é exaustiva. Então nada. Nenhuma faculdade ou emprego. Ela praticamente sumiu do planeta.

Outro e-mail chega e clico nele. Foto após foto mostra-a em eventos, sempre ao lado de seu avô, vestida com esmero. Em cada foto ele tem uma mão no cotovelo dela, quase em um aperto possessivo. Isso faz meu estômago apertar. Ele age como se fosse dono dela.

Como se você não quer, minha mente me provoca. *Eu quero possuí-la para cuidar dela. Ele machucou ela,* eu tento e raciocínio comigo mesmo.

Em seguida, vejo um artigo sobre seus pais morrendo em um acidente de carro quando Lucy tinha apenas três anos. Ele praticamente a criou. Eu li que Kurt estava distante de seu filho e sua esposa. Os pais de Lucy. Eu estou supondo que eles não teriam ficado muito felizes que a filha deles tivesse caído em suas mãos. Parece que o filho de Kurt estava no volante.

Eu faço uma anotação mental para chamar meu próprio advogado. Essa merda não vai acontecer com ela novamente. Se algo acontecer comigo, ela será cuidada.

Congelo quando vejo o que o Mick diz neste e-mail.

Parece que sua garota está propensa a acidentes.

Eu abro o arquivo e começo a passar pelos registros médicos. Meu estômago rola quando vejo uma visita ao hospital depois após visita ao hospital. Então eles pararam alguns anos atrás quando ela foi enviada ao norte em um centro de recuperação. Disse que ela teve uma ruptura mental. Duvidoso, mas se ela soubesse o motivo. Tenho a sensação de que depois disso ele foi com um médico particular que fez visitas domiciliares.

Eu vou matá-lo. Eu fecho os arquivos, precisando me recompor, mas a raiva cai sobre mim. Eu pego o peso de papel na minha mesa e jogo forte. Ele bate na parede, alojando-se no drywall por um momento antes de cair no chão.

O som de um suspiro me fez virar a cabeça para a porta. Lucy está parada ali, olhos arregalados, a mão sobre a boca.

—Lucy? — Eu dou um passo em direção a ela e ela sai correndo. —Porra. — Eu a sigo. Eu odeio que ela visse minha raiva. Ela é a última pessoa no mundo que precisa ver essa merda. Não com a vida dela.

Eu a sigo para o nosso quarto. —Pequena, por favor. Eu sinto muito. Eu li algo que me irritou. Minha raiva não é de você. — Eu falo com minha voz baixa e suave. Ela se vira para olhar para mim. Seu lábio inferior balança e é quase a minha ruína.

—A contusão do meu lado. — Ela levanta a minha camisa, revelando a contusão. Eu queria saber se ela iria notar.

—Pequena. Eu não fiz isso com você. — Eu dou um passo em direção a ela. Ela não recua. Ela deixa a camisa cair e quase vai parar em seus joelhos. —Eu nunca machucaria você. — Eu sei que ela não me conhece, mas ainda dói que ela pense que eu fiz isso com ela. Eu empurro meus sentimentos de lado. Isso não é sobre mim.

Ela me pega de surpresa quando se joga em mim. Eu a pego facilmente. Ela estremece. —Cuidado, — digo a ela enquanto a seguro perto de mim.

—Eu sabia que não era você. Eu estava tão certa disso, mas depois não me lembro de nada. Eu apenas fiquei com tanto medo. — Sua voz vacila quando ela fala e isso quebra meu coração. Eu ando até a cama e me sento com ela em meus braços.

—Está tudo bem. Eu prometo que ninguém vai te machucar novamente. — Eu tento manter a raiva fora da minha voz o melhor que posso.

—Você sabe quem fez isso? — Ela finalmente pergunta, inclinando-se para trás para olhar para mim, seus olhos cheios de lágrimas não derramadas.

—Eu acho... — Eu relutantemente admito, com medo de dar-lhe muito.

—Diga-me, — ela empurra, e eu faço porque eu quero dar-lhe qualquer coisa que ela pede.

—Eu acho que foi o seu avô.

—Eu estava correndo para você? Foi por isso que entrei no acidente? Eu estava voltando para casa para vê-lo? — Suas sobrancelhas sulcam juntas e eu a vejo tentando juntar tudo isso. Eu não acho que ela estava vindo para mim, mas o destino a trouxe aqui.

—Sim. — Eu deixei a meia mentira sair da minha língua.

—Mas não podemos ter certeza de que foi ele, certo? — Eu posso ver tristeza em seus olhos enquanto ela pensa em alguém de bom grado machucando-a.

—Eu tenho certeza. Isso é o que você viu lá embaixo. Eu estava juntando as coisas. Eu perdi isso. — Seu rosto suaviza com isso. Ela se inclina para frente e escova os lábios nos meus. Eu a beijo de volta, deitando-a na cama. Eu rolo para que ela esteja em cima de mim.

Quando ela se afasta, ela descansa a cabeça no meu peito enquanto eu esfrego minhas mãos para cima e para baixo nas suas costas. —É estranho querer lembrar e não conseguir. Eu me lembro de algumas coisas. Alguém me chutando e tudo que senti foi medo. Isso me consumiu, se ao lembrar é esse sentimento, não tenho certeza se quero isso.

—Pequena. — Eu coloco meu dedo sob o queixo dela, fazendo-a olhar para mim. —Aconteça o que acontecer, posso prometer que o medo é algo que você nunca sentirá novamente.

CAPÍTULO OITO

LUCY

—Eu rio enquanto Orlando morde meu pescoço. Já faz cinco dias e ainda não me lembro de nada novo. Não tenho certeza se eu realmente quero. Este lugar é seguro. Tudo o que sei é esse homem, e não consigo encontrar a vontade de me preocupar com mais nada. Bem, eu aceito isso. Eu me importo que ele ainda esteja se segurando comigo.

—Você é o único que disse que gosta do meu pescoço. — Ele dá em meu pescoço outra mordida. —Você é o único que deveria estar trabalhando, — eu viro, olhando por cima do ombro para ele.

—Difícil de fazer com você no meu colo. — Eu me viro em seu colo, descansando minhas mãos em seu peito e estreitando meus olhos para ele com falsa severidade.

—Você me colocou aqui, — eu lembro a ele, não que eu me importasse. Quando entrei em seu escritório, ele me puxou para o colo dele.

—Você pode me culpar? — Ele se inclina para me beijar. Eu me movo no colo dele e tento afundar o beijo, vou mais longe. Ele puxa de volta e nós dois estamos respirando com dificuldade. — Acho que precisamos pedir algumas roupas novas para você.

—O que? Você não gosta de mim vestindo suas roupas? — Suas mãos deslizam pelas minhas coxas sob a camisa. Eu mudo, querendo que elas subam e elas fazem.

—Eu quero você confortável. Eu já te encomendei algumas coisas que achei que você gostaria no outro dia. Elas vieram esta manhã.

—Hm. — Eu esfrego minhas mãos no peito dele. —Você recebeu esses pacotes enquanto estava desaparecido da nossa cama hoje de manhã? Eu acordei esta manhã para uma cama vazia. — Eu tento fazer meu tom brincalhão quando realmente me assustou. Eu acordei de um sonho ruim. Eu notei que o medo começa a pingar quando não estou perto dele. Ele é meu lugar seguro.

—Eu queria voltar para você logo após o meu treino.

—Você trabalha fora? Estou chocada. — Eu esfrego minhas mãos em cima dele, provocando-o. —Existe uma academia neste labirinto de uma casa? — Estou aqui há quase uma semana e sei que não vi tudo isso. Eu fico principalmente no lado de Orlando.

—No porão. Eu tento trabalhar a primeira coisa toda manhã, mas você provou ser um pouco perturbadora.

—Não está manhã, no entanto. — Eu tento esconder minha dor.

—Tive que trabalhar com alguma energia reprimida. — Sua mandíbula aperta.

—A tempestade parou. Se você quiser sair, nós poderíamos... — Eu paro quando percebo o que ele quer dizer. —Oh. — De repente eu me sinto tímida, mesmo que eu queira que ele trabalhe fora de sua energia agora comigo.

—Sim. — Suas mãos apertam minhas coxas, deslizando um pouco mais. —Eu teria conseguido voltar antes que você acordasse, mas... — Ele me solta por um momento, alcançando a gaveta lateral de sua mesa e tirando uma pequena caixa. —Seu anel veio.

É então que noto que ele está com um anel agora. —O seu também foi dimensionado? — Eu pergunto. Ele não me responde, ele apenas abre a caixa.

—Oh meu Deus, — eu suspiro quando vejo o lindo anel. No centro está o que tem que ser um rubi vermelho. É quadrado e é ladeado por pedras azuis envolvidas por diamantes.

—É lindo. — Ele puxa o anel para fora da caixa. Eu levanto minha mão e ele desliza no meu dedo.

—Você é linda.

Eu olho nos olhos dele. —Eu amo isso, — eu digo a ele. Eu quero dizer que eu também o amo, mas as palavras estão presas na minha garganta. Tenho certeza de que já disse isso a ele antes, mas uma sensação incômoda de que ele não me disse isso nos últimos dias me impede de fazê-lo.

Eu me inclino para frente para beijá-lo. —Ninguém vai perder que eu sou casada. — Eu seguro o anel. É gigante na minha mão.

—Essa é a questão. — Ele acaricia o anel com um dedo gentil. Algo pisca em seus olhos.

—Você está bem? — Pergunto-lhe.

—Eu tenho você no meu colo, não é? — Ele sorri para mim, mas não alcança seus olhos.

—Você sabe. Meu lado não doeu mais. — Eu sorrio para ele, dando uma pequena manobra por medida extra. Eu me inclino para frente e lambo a costura de sua boca. —Se você quiser queimar um pouco mais de energia... — Eu digo.

Eu suspiro quando ele me pega de surpresa. Ele me levanta e minha bunda pousa em sua mesa enquanto ele se inclina, me beijando profundamente e com força, sua mão cavando em meu cabelo. Eu gemo em sua boca enquanto sua outra mão desliza para cima da minha coxa, segurando minha calcinha. Instantaneamente ela sai.

—Orlando, — eu lamento quando ele puxa a boca da minha. Eu tento recuperar o fôlego enquanto ele arrasta beijos no meu pescoço. Chupando e beliscando. Desta vez não faz cócegas.

—No caminho, — ele rosna, e eu não acho que ele está falando comigo. Ele puxa minha camisa para cima da minha cabeça, jogando-a para longe e me deixando nua em sua mesa. Eu o alcanço, puxando sua boca de volta para a minha em um beijo profundo e faminto, querendo saboreá-lo novamente.

Eu amo beijá-lo. Nos últimos dias, ficamos como adolescentes por horas a fio. Tudo sempre termina em nos beijar, comigo em seu colo. Mas preciso de mais.

—Eu preciso de mais. — Ele diz a mesma coisa que eu estava pensando.

—Sim. — eu concordo. —Mais.

Ele começa a arrastar beijos pelo meu corpo. Ele me empurra de volta para a mesa, abrindo minhas pernas largas. Eu o vejo escorregar mais abaixo em mim. Meu corpo inteiro se sente apertado com a necessidade. O pulso entre minhas coxas é quase insuportável.

Quando ele beija o topo do meu monte, ele olha para mim, seus olhos escuros trancando comigo. Então ele me dá uma longa lambida. Eu quase saio da mesa, mas ele agarra meus quadris, me segurando no lugar enquanto ele continua a lamber e chupar-me, tomando o que ele quer.

—Orlando, — eu gemo. Suas mãos deslizam para baixo para agarrar minhas coxas, puxando-me ainda mais e movendo-me para baixo da mesa para ele. Minha bunda está quase pendurada na mesa quando ele cai de joelhos, sua boca nunca sai do meu centro.

—Você até tem gosto de doce mel aqui também. Eu sabia que você iria, —ele rosna contra o meu clitóris. Seu dedo grosso empurra dentro de mim.

Minha cabeça cai para trás e meus olhos se fecham. O prazer é demais para o meu orgasmo. Eu tento fechar minhas pernas porque os sentimentos são demais.

—Eu... eu... — Eu não consigo formar nenhuma palavra enquanto ele lambe e suga, seu grande dedo trabalhando dentro e fora de mim.

—Dê para mim, pequenina. Eu quero provar o seu prazer contra a minha língua, —ele diz antes de chupar meu clitóris em sua boca, e eu me desfaço. Meu orgasmo cai em mim. Eu chamo o

nome dele enquanto meu corpo treme e sacode e eu me derreto na mesa.

Orlando beija e acaricia minhas coxas. Eu pulo com seu toque suave. Meu corpo ainda está sobrecarregado pelo poderoso orgasmo. Quando ele se levanta, eu me sento, procurando por ele e trazendo sua boca para a minha.

Quando nossos lábios se encontram, ele geme na minha boca. Seu beijo é profundo e carente. Eu amo que eu possa provar o que ele fez para mim em seus lábios. Parece tão íntimo e me faz sentir ainda mais perto dele.

Eu alcanço o botão de suas calças. Sua mão agarra meu pulso me parando. Eu recuo do nosso beijo. —Por favor, — eu imploro a ele. —Deixe-me tocar em você. Eu preciso disso. — Seu corpo inteiro está apertado. Eu posso ver a tensão em todas as linhas do seu corpo.

Eu assisto uma guerra atrás de seus olhos. —Você é meu, não é? Meu para tocar? — Eu empurro.

—Você não tem ideia do quanto eu pertenço a você. — Sua voz é profunda.

—Então deixe-me tocar em você. Eu quero te sentir. — Eu assisto seu controle estalar. À vista, algo poderoso floresce no meu peito. Suas mãos liberam meu pulso. Eu corro para tirá-lo de suas calças, querendo vê-lo.

Quando seu pênis fica livre eu suspiro. Seu dedo se sentiu apertado em mim. Como ele vai conseguir isso dentro de mim? Eu empurro o rastro de medo erótico para longe, sabendo que deve

caber. Éramos casados. Eu envolvo minha pequena mão em torno de seu pênis.

—Eu não sei como fazer isso, — eu admito. —É como se eu fosse virgem em tudo. — Eu lambo meus lábios e vejo sua mandíbula apertar. Ele respira fundo. Ele puxa minha mão de seu pênis e a move para minha buceta.

—Você não tem ideia, — ele murmura. Ele esfrega a palma da minha mão para cima e para baixo na minha buceta. A umidade do meu orgasmo cobre minha palma. Meu rosto fica vermelho, mas eu descarto a minha timidez. Ele traz a minha mão de volta ao seu pênis. Eu envolvo em torno dele. Ele cobre minha mão com a sua e me mostra como eu deveria segurá-lo.

—Pode ser mais duro. Você não pode me machucar, pequena. E eu prometo, qualquer coisa que você faça comigo eu vou gostar. — Ele solta minha mão. Meus olhos se prendem em seu pênis enquanto eu dou mais alguns golpes, e uma pequena gota de gozo vaza da cabeça vermelha e inchada.

Eu lambo meus lábios imaginando do que ele tem gosto. — Meu controle é fino. Mantenha essa pequena língua na sua boca. — Meus olhos levantam para os dele.

—Eu quero provar você. — Ele geme com minhas palavras. Eu continuo acariciando-o, movendo minha mão mais rápido.

—Da próxima vez. Desta vez quero tocar em você enquanto você me toca. — Ele mergulha a mão entre minhas coxas e desliza um dedo ao longo da minha boceta, acariciando meu clitóris para

frente e para trás. Meus golpes se tornam espasmódico quando meu próprio prazer aumenta.

—Eu não posso pensar quando você faz isso, — eu respiro.

—Bom. Eu só quero que você sinta, — ele geme. Seus movimentos se tornam mais rápidos, me empurrando para mais perto da borda. —Vou gozar. Eu preciso que você venha comigo, pequena. — Ele chega mais perto então seu pau está escovando meu estômago enquanto eu acaricio ele. Sua porra vazando deslizando em toda a minha pele.

—Continue assistindo. Eu vou te marcar. Se eu pertenço a você, então você pertence a mim.

—Oh Deus. — Eu gemo com as palavras dele.

—Diga, — ele exige.

—Eu pertenço a você. — Não há hesitação minha em dizer isso. Eu pertenço a ele.

—Minha! — Ele grita. Posse flui pela sala quando eu me desfaço mais uma vez. Meu corpo monta o orgasmo enquanto observo sua liberação morna derramar sobre minha pele, marcando-me. Não consigo afastar os olhos da visão. Eu continuo acariciando, querendo mais do seu gozo em mim. Seu pênis se agita na minha mão e mais gozo dispara em mim.

Orlando desliza a mão de entre as minhas pernas e a leva para o meu estômago, onde ele esfrega seu esperma na minha pele. É a coisa mais sexy que eu já vi. Quando eu olho para ele, minha

respiração engata. Ele parece um guerreiro que acabou de conquistar uma terra.

Essa terra sendo eu. Este homem realmente me possui e eu não tenho nenhum problema com isso.

CAPÍTULO NOVE

ORLANDO

Eu sorrio enquanto ela gira em torno do meu escritório em um dos seus novos vestidos. Ela sorri enquanto faz isso. Eu faço uma nota para fazer os vestidos um pouco mais longo no próximo pedido. Eu não gosto da ideia de outras pessoas a verem assim, mas para mim eu adoro isso.

Agora é só nós e a Marta em casa. Eu vou ter que deixar a outra equipe voltar em breve, mas eu não trabalhei isso ainda. Tenho certeza de que eles estão aproveitando sua licença remunerada. Mas este lugar precisa de uma equipe para mantê-lo. Ainda estou gostando de tê-la toda para mim. Manter meus pais afastados já foi difícil o suficiente. Eles não são tão facilmente controlados quanto os funcionários pagos.

Além disso, ainda estou construindo um caso contra o avô dela. Eu decidi que matá-lo não era a melhor opção. Se eu fosse pego, minha pequena seria tirada de mim e não haveria ninguém para cuidar dela. Embora eu esteja começando a pensar que ela é a única que realmente se importa comigo.

Eu nunca me senti mais vivo na minha vida. A escuridão se levantou de mim. Eu sei que a culpa deveria estar pesando sobre mim, mas é difícil quando ela pressiona seu corpo contra o meu, senta no meu colo ou faz aquela risadinha que sempre faz a covinha em sua bochecha esquerda espreitar.

—Nós devemos sair hoje. Estou com febre de cabana, — ela diz quando para de girar. Seu vestido rosa cai de volta, escondendo sua calcinha de seda branca de mim. Demoro um momento para perceber o que ela disse. Eu estava perdido na visão dela.

—Você quer sair? — Meu corpo aperta. Ela ainda é uma pessoa desaparecida para o resto do mundo.

—Por que não? Um pouco de ar fresco parece bom, e a chuva finalmente parou. Talvez pudéssemos sair para comer ou algo assim. — Ela caminha até mim e cai no meu colo. —Ou estamos muito longe ou algo assim? Marta foi à loja no outro dia e não demorou muito.

Ela olha para mim. Aqueles olhos de chocolate são minha fraqueza. Eu vejo tanta esperança em seus olhos que não posso dizer não a ela. —Estamos em uma pequena cidade fora da cidade, — digo a ela. Talvez ninguém a note. Eles estarão mais focados em mim. Eu sei que minhas cicatrizes às vezes podem chamar a atenção, e as pessoas não estão acostumadas comigo vindo para a cidade mais. —Eu normalmente não saio muito.

—Marta mencionou que você é uma pessoa caseira. Não que eu te culpe. Eu amo esse lugar. — Ela se vira um pouco, então ela está escarranchando minhas coxas. Ela levanta a mão ao meu rosto e escova minhas cicatrizes. —São as cicatrizes? É por isso que você não sai de casa muito?

Eu me inclino para o seu toque. —Eu não gosto de estar perto de muita gente. Não é que eu me importe com o que eles pensam de mim, — eu admito. —Você nunca pergunta sobre elas. — Eu procuro o rosto dela. Ela realmente me faz esquecer delas na

maioria dos dias. Na verdade, ela me faz esquecer quase tudo. Eu tenho que me fazer trabalhar. Isso costumava consumir todos os meus pensamentos. Não muito mais.

Seus olhos lacrimejam. —Pequena. — Eu a puxo para mais perto de mim, suas lágrimas me cortando profundamente.

—Eu odeio não lembrar o que aconteceu com você. Tinha que ser algo doloroso e eu sou sua esposa. — Seu lábio inferior treme. Porra. Há a culpa que eu tenho esperado por me bater bem no peito.

—Eu esqueço sobre elas, para ser honesto. — Eu me inclino, escovando meus lábios contra os dela. —Você me faz esquecer que elas estão lá.

Ela me dá um meio sorriso. —Eu amo que eu posso fazer isso por você.

—Eu te amo. — Passa direto pelos meus lábios. Seus lábios se separam em surpresa por um momento. Então ela está jogando os braços em volta de mim.

—Eu também te amo. — Ela me abraça forte e eu esfrego minhas mãos para cima e para baixo nas costas dela, saboreando suas palavras.

—Houve um incêndio na cidade em que minha unidade estava hospedada. Nós fomos para ajudar. Quando eu estava saindo do prédio depois da última checagem para ter certeza de que estava tudo limpo, o lugar explodiu. O lado esquerdo do meu corpo levou o peso da explosão, —eu digo a ela. Eu quero que ela saiba para deixá-la à vontade. —As queimaduras se curaram, mas os

destroços da explosão deixaram sua marca. — Ela se inclina para trás e beija as cicatrizes no meu queixo.

—Eu não gosto de estar perto de grandes grupos. Eu voltava a entrar e sair do prédio, puxando as pessoas para fora. O prédio estava lotado. Pessoas em todos os lugares gritando. — Eu solto um longo suspiro. —Então, quando me aposentei, voltei para casa. Muito espaço. Me deu tempo para me curar.

—Se você esteve escondido aqui, como nos encontramos? — Ela pergunta, colocando outro beijo em mim, fazendo meu coração doer. *Ela me ama.* Esse pensamento continua repetindo em minha mente como um mantra.

—Você veio colidindo com a minha vida. Eu sabia que você era minha desde o momento em que te vi. — Eu lhe dou a verdade.

—Amor à primeira vista? — Ela sorri para mim, me dando aquela covinha que eu amo muito. Eu não sei como vivi sem ela.

—Para mim foi.

—Bem, aposto que foi para mim também, porque quando acordei na nossa cama na semana passada, vi você e eu também te amei. Você se sentia bem. Meu. Então, acho que senti a primeira vez que te vi também. — Eu a beijo, rezando para que isso seja verdade. Que ela me ama tanto quanto ela pensa, porque eu não posso viver sem ela. Eu não posso voltar para a vida que eu estava vivendo antes que ela caísse na minha vida. Não seria uma vida em tudo.

—Agora, você vai me tirar daqui? — Ela se agita no meu colo, me fazendo rosnar. Meu pau sempre duro empurra contra ela.

—Eu levaria você em qualquer lugar que você pedisse.

—Mesmo para a cama? — Ela me dá um sorriso brincalhão. Ela está pressionando por mais. E eu não posso dar a ela. Ainda não. Como você explica para a mulher que acredita que ela é sua esposa que ela é virgem? Eu descobri isso quando a coloquei na minha mesa enquanto comia sua buceta e empurrei meu dedo dentro dela. Inferno, eu mal conseguia colocar meu dedo nela, ela estava tão apertada.

—Minha pequena precisa gozar novamente? — Eu a provoco de volta. Eu poderia não estar na cama quando ela acordou esta manhã, mas eu consegui voltar no tempo para cumprimentá-la no chuveiro, onde eu a lavei e então a levei para três orgasmos e ela estava me implorando para parar. Então ela me lavou. Suas mãos macias por todo o meu corpo me acariciando até que eu gozei. Eu sei que ela está ansiosa para me levar à boca.

O pensamento é mais do que posso suportar e sei que não ganhei o privilégio de tê-la de joelhos para mim. Não, agora isso é tudo sobre ela e ter certeza de que quando ela descobrir minhas mentiras, ela vai me perdoar porque eu mostrei a ela que vou fazer de tudo para tê-la e mantê-la. Que a vida dela seria maravilhosa comigo.

Ela pula do meu colo, rindo. Eu faço uma tentativa para segurar ela, mas ela se esquiva de mim, meus dedos apenas roçando seu vestido.

—Se começarmos, sei que nunca sairemos daqui. — Ela sai do meu escritório para se preparar.

Eu respiro fundo, sabendo que tenho que fazer isso. Eu não posso mantê-la trancada para sempre. Mais do que isso, não quero mantê-la prisioneira como seu avô.

Eu verifico meus e-mails novamente para ter certeza de que Mick não me enviou nada de novo. Não há nada, mas eu vejo um da minha mãe. Eu ignoro isso. Eu não estou olhando isso agora. Tenho sorte que ela não tenha aparecido aqui. Eu mando um e-mail para Mick perguntando a ele como as coisas estão progredindo. Eu preciso do avô dela. Ele é a única pessoa que poderia tirar a minha pequena de mim, com todas as suas besteiras mentiras sobre ela ter problemas mentais. Pena que não somos realmente casados. Que essa porra não poderia fazer nada.

Eu preciso desse filho da puta resolvido antes que ele descubra onde ela está. Eu fico de pé, fecho meu computador e pego minha carteira na minha mesa. Eu xingo quando vejo uma luz acender em um dos meus monitores para o portão da frente. Eu bato na tela e vejo o Dr. John puxando o longo caminho. Eu preciso consertar esse maldito portão, mas a chuva constante continua destruindo esse plano. Eu não sei porque isso escorregou na minha mente. Não. Isso não é verdade. Eu sei porque eu esqueci. Minha pequena me manteve focado apenas nela. Mas eu preciso juntar tudo porque ter o portão consertado é parte de mantê-la segura. Eu não gosto que as pessoas possam ir e vir sem que a entrada seja aprovada.

Eu vou em direção à porta da frente. Eu quero cumprimentá-lo primeiro e tirá-lo daqui. Eu tenho dado a ele a escova fora, mas quem sabe o que ele realmente sabe neste momento. Ele pode ser

um bastardo persistente. Quando eu abro a porta da frente, ele estaciona o carro bem na frente.

—Estou ocupado, — digo a ele. Claro, ele me ignora.

—Ouvi dizer que você tem aquela garota desaparecida lá. Eu estou supondo que ela é a mesma garota que você me chamou, então me disse que ela foi embora no dia seguinte. Ele me dá um olhar duro, claramente tão chateado quanto eu. Apenas sobre diferentes razões.

—Caramba, vocês são piores do que senhoras da igreja no domingo à tarde, — eu resmunguei.

Eu posso não estar tão perto da minha antiga unidade como costumava ser, mas o resto deles são todos sólidos. Sem mencionar que eles também são bons com meus pais, tendo passado algum tempo com eles antes de eu deixar o mapa. Mick ou minha mãe poderiam ter contado a John.

—Vou tomar isso como um sim.

—Que tal você tirar sua bunda daqui? — Eu lanço de volta.

—O. — John levanta as mãos. —Eu só queria ter certeza de que você está bem. Quer dizer, você nem gosta de pessoas e agora você tem uma escondida em sua casa? Um ausente, com isso.

—John, — eu aviso, mantendo minha voz baixa quando ouço os pés nos degraus atrás de mim. Eu dou-lhe um olhar duro que diz cala a boca. Então eu melhoro meu rosto.

—Orlando. — Eu me viro, dando a minha garota um sorriso caloroso. —Quem está aqui? — Ela espia ao meu redor em John, e

pela primeira vez me viro para olhar John, imaginando se ela o acha atraente. Ciúme toma conta de mim.

Ele sempre foi um homem de mulheres. Ele sorria e dizia que ele era médico no exército e as mulheres cairiam sobre ele. Eu costumava pensar que era engraçado. Não muito mais.

—Ei, Lucy. Eu sou o doutor John Frederick. — Eu olho para ele enquanto ele caminha em nossa direção com a mão para fora. Lucy vai ao meu redor, mas eu me movo para ficar na frente dela, bloqueando-a do Dr.

Uma de suas mãos vai descansar nas minhas costas. John sacode a cabeça e eu o vejo lutando com um sorriso. —Orlando? — Lucy diz, uma pergunta em sua voz. Eu respiro fundo e me acalmo. Eu não quero assustá-la. Ela pode estar pensando que ele quer fazer mal a ela com o jeito que estou agindo. Ela não sabe que isso é puro ciúme. É um sentimento que não estou acostumado.

—Desculpe, pequena. Ainda um pouco na borda com o acidente e tudo mais, — eu digo a ela, dando um passo para o lado só um pouco. Ela desliza um de seus braços para o meu e se prende em volta dele. Ela estende a outra mão para cumprimentar John.

—Lucy. — Eles apertam as mãos e John solta a mão rapidamente, entendendo que estou no limite. Ele é um dos melhores em me ler. Neste momento, sou grato por isso. Normalmente isso me irrita.

—Só vim checar você. Ouvi dizer que você não está se lembrando muito. — Lucy apenas dá de ombros, como se ela não

se importasse, e, para ser honesto, com o modo como ela está agindo, acho que não.

—Tenho certeza que vai voltar, — diz ela distraidamente, descansando a cabeça contra o meu braço e inclinando-se para mim.

—Esse é um belo anel que você tem lá. — John sorri para ela.

—John, — eu aviso.

—Acho que meu marido é um pouco possessivo e quer que todos saibam que sou dele, — ela ri. Ela não tem a menor ideia de como isso é verdade, ou ela provavelmente não estaria rindo disso.

—Marido, é? — Os olhos de John me prendem. Agora eu estou supondo que foi Mick que disse a ele, porque ele não conhecia isso como minha mãe fez.

—Ele está prestes a me levar para jantar.

As sobrancelhas de John se levantam. —Como em fora desta casa para se misturar com o público em geral? — Acho que ele acha isso mais chocante do que a coisa do marido.

—Sim, — eu respondo. —Então você provavelmente deve ir.

John só sorri maior. —Eu acho que vou fazer isso. — Ele olha para Lucy. —Que bom que você falou para ele sair desse lugar por um tempo. É bom para ele. Eu vou te ver mais tarde, O. — Eu ouço o aviso em seu tom. Ele não terminou com o assunto de eu ter Lucy aqui sob falsos pretextos.

—Tchau, — Lucy diz quando John volta para o seu carro e desce a longa entrada.

—Ele é um amigo seu? Você parecia tenso, —ela pergunta, puxando meu braço, então eu olho para ela.

—Estou percebendo que eu me importo em dividir sua atenção, — eu admito para ela. Eu espero para ver horror em seu rosto, mas ela só sorri para mim.

—Eu sou toda sua, — ela me diz, ficando na ponta dos pés com o rosto erguido. Eu me inclino para encontrá-la e a beijo. Eu rezo para que isso nunca mude.

CAPÍTULO DEZ

LUCY

Eu olho pela janela, levando tudo para dentro enquanto Orlando dirige. —É tão bonito aqui fora. Eu vejo por que você voltou.

—Estou feliz por ter voltado aqui também, ou eu não teria você. — Eu me viro para olhar para ele. Isso é doce de um jeito sombrio. A razão pela qual ele está aqui é porque ele estava ferido. Que ele escolheria tomar a dor para que pudesse me encontrar, fala sobre o quanto esse homem me ama. Como eu tive a sorte de encontrar um homem como ele? Não tenho certeza, mas não vou dar como certo.

Eu pego a mão dele e fecho nossos dedos. —Eu te amo, — digo a ele. Eu quero dizer isso de novo e de novo. Quando ele me disse a primeira vez eu queria chorar, eu estava tão feliz. Isso me fez finalmente me sentir resolvida. Uma peça que faltava se encaixou e eu estava em casa. Realmente em casa.

—Também te amo, pequena. — Ele dá a minha mão um pequeno aperto. Eu me animei quando a pequena cidade pitoresca apareceu.

—Você cresceu aqui? — Eu pergunto, querendo saber mais sobre o meu marido.

Ele concorda. —Sim, mas eu nunca venho à cidade.

—Se você não quiser, não precisamos. — Eu não quero que ele faça nada que ele não queira. Todo mundo diz como ele nunca vai a lugar nenhum. Dr. John não conseguia sair do nosso caminho com rapidez suficiente para que pudéssemos sair.

—Você queria vir, então nós vamos. Eu não posso te manter refém em nossa casa para sempre.

—Parece divertido. — Eu mexo minhas sobrancelhas para ele. Eu não posso parar minha provocação com ele quando se trata de sexo. Nós não fomos mais longe do que ele descendo em mim e ele me deixando tocá-lo com as minhas mãos. Eu não estou empurrando, realmente, mas eu provoco. Eu amo o lampejo de fome que vejo em seus olhos quando faço isso. Isso faz meu corpo vibrar todo.

—Vou lembrá-la desse comentário, — ele brinca de volta.

—Promessas, promessas. — Nós entramos em um estacionamento. Orlando pula para fora e abre a porta para mim. Eu saio, pegando a mão dele enquanto ele me puxa para perto.

—Este lugar tem uma comida italiana maravilhosa, — ele me diz enquanto me leva a um pequeno restaurante. É fofo e quente.

—Eu quero ir para a Itália um dia, — eu digo distraidamente enquanto somos levados à nossa mesa pela anfitriã. Seus olhos saltam entre nós dois como se ela nos conhecesse, mas permanece em silêncio.

—Eu vou te levar se você quiser.

—Você odeia sair de casa, — lembro-lhe com uma pequena risada.

—Eu faria qualquer coisa por você. — Ele se inclina baixo, acariciando meu pescoço. Eu me derreto nele. —Além disso, adoraria ver sua cara quando a vir. Você sempre acende quando recebe algo que você quer. — Suas doces palavras fazem meu coração palpitar. Ele deve ver que parece muito, porque ele está sempre fazendo o que eu quero fazer.

Ele nos pede tantas coisas no cardápio. Muito em breve a nossa mesa está cheia com vários pratos e taças. Nós comemos e rimos e temos o melhor tempo. Meu rosto dói de sorrir tanto. Eu noto que as pessoas se voltam para olhar para nós, algumas dizendo oi para Orlando pelo nome e perguntando sobre seus pais. Seus olhares sempre permanecem por um momento, me estudando como se nos conhecêssemos antes. Orlando é rápido para expulsá-los.

Quando saímos do restaurante, caminhamos pela rua e ele aponta todas as pequenas lojas, dizendo-me o que cada um é.

—Sorvete? — Ele acena para a sorveteria.

—Eu não tenho certeza se posso. — Eu coloco minha mão sobre a minha barriga. Comemos muito, mas ainda assim meus olhos se demoram nos diferentes tipos de sorvete que eles têm. Eu congelo quando um pedaço de papel grudado na frente da loja chama minha atenção.

Orlando solta uma série de maldições enquanto olho para a foto de mim mesma com a palavra *Desaparecida* sobre ela. Seu

agarre em mim aperta quando ele me guia da loja, pegando seu ritmo. Eu quase tenho que correr para acompanhá-lo enquanto ele mantém o braço fechado ao meu redor, certificando-se de não ir a qualquer lugar que ele não esteja me guiando.

Quando ele abre a porta do carro eu deslizo para dentro. Ele trava meu cinto de segurança e quando ele me puxa de volta me beija duro e profundo, desespero vazando no beijo por um momento, antes de fechar a porta e correr para o outro lado e entrar, saindo de volta para a casa sem dizer nada sobre o que tínhamos visto.

—Como estou desaparecida? — Eu finalmente pergunto.

—Seu avô está procurando por você. — O medo corre pela minha espinha. —Ele não vai tocar em você, — Orlando rosna. O som da sua voz rola sobre mim, me fazendo sentir melhor.

—Como ele não sabe que eu estou com você? — Ele não me responde enquanto vejo suas mãos apertarem no volante.

—Orlando, me diga que está tudo bem. — Tudo que preciso ouvir é que está tudo bem e vou acreditar nele porque confio nele.

—Eu sempre vou me certificar de que tudo está bem para você. — Ele olha para mim e eu sei que ele vai. Eu sei que o mundo dele está ao meu redor. Ele provou isso para mim na semana passada.

Eu me inclino de volta no meu lugar. —Às vezes eu acho que não estou me deixando lembrar, — eu admito. —Isso é algo que meu cérebro está me protegendo. — Eu estendo a mão e coloco minha mão em sua coxa. Ele está tão tenso agora. A brincadeira

divertida que tivemos a noite toda desapareceu. —Quer saber o que é mais louco ainda? Eu não me importo. Não me incomoda como eu sei que deveria. — Eu sacudo minha cabeça. Eu não posso nem envolver minha cabeça quando penso nisso.

—Você quer que eu me lembre? — Pergunto-lhe.

—Eu não sei. — Ele parece triste quando ele diz as palavras. —Eu sou egoísta quando se trata de você.

Eu rio disso. Tão forte que meus olhos começam a lacrimejar. Orlando olha para mim como se eu fosse louca. —Você faz tudo por mim. Como você é egoísta?

—Eu quero você toda para mim.

—Bem, se é assim que você me mantém só para você, não é de admirar que eu tenha casado com você. — Eu me inclino no meu assento para beijar sua bochecha. —Eu faria isso de novo também, — eu sussurro em seu ouvido. Eu deixei minha mão deslizar entre as pernas dele. Seu pau endurece sob o meu toque enquanto eu o esfrego para frente e para trás.

—Case comigo novamente, então, — ele geme enquanto eu continuo esfregando-o.

—Qualquer hora, qualquer lugar. — Eu mordisco o pescoço dele. —Se você me deixar te chupar primeiro, — eu o atraio, tentando transformar o humor de volta à luz e divertido. Meu rosto aquece com minhas palavras, mas eu continuo em frente. —Desde que eu não peguei meu sorvete, é justo que eu consiga outra coisa, e você sabe o que eu quero.

—E você vai se casar comigo.

Eu beijo ele. —Sim. — Meu cinto de segurança se desfaz e Orlando está me puxando do carro ao seu lado antes que eu perceba o que está acontecendo. Eu nem percebi que estávamos em casa e o carro havia parado. Ele me levanta em seus braços e me leva para dentro da casa, subindo as escadas passando por Marta de olhos arregalados e entrando no nosso quarto. Ele bate a porta atrás de nós e clica na fechadura.

Eu mordo meu lábio para não sorrir enquanto ele empurra minhas costas contra a parede e nós dois pegamos o que estávamos querendo.

CAPÍTULO ONZE

ORLANDO

Eu gemo quando meus olhos se abrem. A visão na minha frente quase me fez derramar em sua boca já. Eu cerro meus dentes para segurar o orgasmo. Eu quero aproveitar esse momento. Sua boca desliza para cima e para baixo no meu pau e ruídos de sucção enchem a sala. Ela solta um gemido que vai direto para as minhas bolas e é quase a minha ruína.

Eu me abaixo, envolvendo minha mão em seu cabelo escuro e sedoso. Eu tinha quebrado a noite passada. Quando ela disse que se casaria comigo se eu a deixasse me chupar, eu estava acabado. Não havia nada que eu não tivesse dado a ela pelo que ela estava me oferecendo.

Ela.

A única coisa que veio a significar mais para mim do que qualquer outra coisa neste mundo inteiro seria meu. Minhas bolas se empenham ao pensar que ela realmente é minha esposa em poucas horas. Sim, estou fazendo isso acontecer hoje. Ela vai levar o meu nome e ninguém nunca será capaz de tirá-la de mim.

—Pequena, — eu rosno. —Eu vou gozar, — eu a aviso, sabendo que ela não vai sair. Ela é uma coisinha gananciosa. Eu aprendi isso ontem à noite quando ela caiu de joelhos na minha frente e não deixou meu pau ir até que eu gozei duas vezes em sua garganta bonita.

Ela só suga mais forte com as minhas palavras, e eu luto para não apertar o cabelo dela muito apertado e empurrar em sua boca quando eu começo a gozar. Ela me engole com avidez, tomando cada gota do meu esperma dentro de seu corpo. Em breve estarei vindo dentro de sua vagina, marcando-a de outra maneira. Uma que se enraizará dentro dela, unindo-nos de todas as maneiras.

Ela puxa meu pau, lambendo os lábios e me dando um sorriso perverso enquanto ela rasteja pelo meu corpo. Eu me viro, descendo sobre ela e levando sua boca em um beijo profundo. — Bom dia, — ela diz quando eu recuo e olho para ela. Sua boca está inchada e seu cabelo está espalhado por toda a cama.

—Melhor manhã da minha vida, — digo a ela. —Tem sido o melhor da minha vida todas as manhãs que eu acordo para vê-la em nossa cama.

—Então eu acho que você vai estar vivendo uma vida muito boa porque eu não vou a lugar nenhum. — Ela me puxa de volta para um beijo. Eu amo como ela é generosa com carinho. Eu fui de não querer estar perto de pessoas ou até mesmo tocado para desejar tudo dela.

—Minha vez, — digo a ela enquanto desço seu corpo, dando-lhe o mesmo prazer que ela me deu, mas tenho certeza que a trago para orgasmos múltiplos antes de puxá-la de nossa cama para tomar banho. Eu adoraria nada mais do que passar o dia na cama juntos, mas há coisas que precisam ser feitas.

Quando abro a porta do meu quarto, pego todas as malas que Marta deixou do lado de fora. Eu trago-as para o nosso quarto.

Lucy vem passeando do armário um momento depois. Seu cabelo está molhado e ela está vestindo uma das minhas camisas.

—O que é tudo isso? — ela pergunta.

—É tudo o que você precisa para nos casarmos hoje.

—Hoje? — Ela ri, me fazendo pensar se ela estava brincando na noite passada. Eu fico tenso.

—Eu quero votos de casamento dos quais você se lembra. Você disse-

—Eu sei o que eu disse. — Ela se vira e envolve seus braços em volta do meu pescoço. —E eu quis dizer isso. Eu não tinha ideia de que você faria isso acontecer tão rápido. Ela sorri, me dando essa covinha. Eu me inclino e beijo.

—Prepare-se. Como você pode ver, já estou antecipando que isso aconteça. — Eu dou um tapa na bunda dela e ela ri alegremente. Deus, eu nunca me canso do som dela rindo. Toda vez, meu peito fica quente e cheio. Aquele preenchimento oco que estava lá está muito longe.

Eu pisco para ela e vou para o closet para me vestir de terno. Quando volto ela está tirando tudo dos sacos e caixas. —Dê-me um beijo, pequena, e então te encontrarei lá embaixo. — Ela pula de pé e faz o que eu peço.

Eu a beijo suave e doce. Uma promessa do que está por vir para ela com uma vida comigo. Eu vou lidar com ela com cuidado, compensar a vida de merda que ela foi dada antes que ela foi trazida para mim. Eu me afasto dela. —Vejo você lá embaixo,

pequenina. Não me faça esperar muito tempo, ou estarei de volta aqui para pegar você.

—Eu não vou fazer você esperar se você parar de me fazer esperar. — Ela levanta uma sobrancelha.

—Eu vou ter você em todos os sentidos após o casamento.

—Então eu vou descer o mais rápido que puder. — Dou-lhe um último beijo e deixo-a. Lá embaixo, sorrio quando vejo o juiz Barnes. Ele veio cedo. Eu liguei para ele ontem à noite depois que minha pequena adormeceu, e eu coloquei algumas coisas para ele. Ele não estava completamente feliz com tudo isso, mas ele devia um favor à minha família e eu estava ligando para ele. Ajudou que o Juiz Barnes estivesse por perto quando Kurt Lockwood fudesse e deixasse uma bagunça para todos limparem.

—Eu li sobre tudo o que você me enviou. — Ele sacode a cabeça.

—Se ele realmente tem algum médico disposto a dizer que ela é incompetente, então ele pode fazer o que quiser com ela. Nós não temos provas sólidas do que ele fez com ela, —eu digo a ele, incapaz de manter a raiva da minha voz. —Mas se ela é casada, então se ele alegar essa besteira, eu seria sua procuração.

—E ela está disposta a se casar com você? Sem memória do que aconteceu antes que ela viesse para cá? — Ele me faz a mesma pergunta que ele fez dez vezes agora. Eu não disse a ele que ela já pensa que somos casados e isso é algo que estamos fazendo porque ela não se lembra de ter feito isso da primeira vez.

—Sim. Você verá que ela está totalmente disposta.

Ele me estuda por um momento. —Você está bem, Feliz.

—Eu estou.

—Seus pais sabem que você vai se casar hoje? Eu pensei que eles estariam aqui, — diz ele.

—Eles estão viajando. Quando eles voltarem, podemos fazer algo com eles para compensar isso, — digo a ele. Ele concorda. Nós fazemos conversa fiada por alguns minutos. O telefone de Barnes toca, interrompendo-nos.

—Eu tenho que levar isso. — Eu aceno quando ele se afasta por um momento. Eu pego meu próprio telefone e verifico meus e-mails. Eu me viro quando ouço Lucy descendo as escadas. Ela sempre me chama a atenção. Inferno, mesmo quando ela não está perto, ela tem a minha atenção.

O vestido branco balança ao redor dela enquanto ela desce as escadas. Seu longo cabelo escuro corre atrás dela. Eu ando até ela e ela praticamente pula em meus braços quando ela atinge o último degrau. Eu a pego e a giro em círculos, fazendo-a rir.

—Você está linda, — eu digo a ela, colocando-a em pé.

—Você me faz sentir bonita. — Ela sorri para mim, me dando sua covinha. Meu peito dói. Talvez eu devesse contar a ela toda a verdade.

É melhor pedir perdão do que pedir permissão.

—Pequena. Lucy. — Eu a puxo para perto de mim, meu coração e minha cabeça em conflito pelo caminho certo a seguir.

—Oh meu Deus, — eu ouço minha mãe suspirar. Eu empurro ao redor para vê-la de pé na porta da frente, a mão sobre a boca. Meu pai está atrás dela, sorrindo.

—Nós temos um problema. — O juiz volta a andar. —O avô dela está a caminho daqui. Policiais a reboque, — nos informa Barnes.

—Porra, — eu murmuro.

—Meu avô? — A voz de Lucy balança. Ela fecha os olhos como se estivesse doendo, sua respiração ficando pesada. Ela fica quieta por muito tempo e isso me assusta.

—Pequena. Case-se comigo agora. Antes que ele chegue aqui. Então ele não pode tirar você de mim. Por favor. Ele não terá direito sobre você. Você será minha aos olhos da lei. Eu prometo que vou explicar tudo depois. Quando eu sei que você está segura, — eu imploro a ela. Eu não tenho ideia do que vai acontecer se eles chegarem aqui e ele tentar tirá-la de mim. Eu acho que vou perder isso. Eu serei o único em uma cela de prisão para o resto da minha vida quando realmente deveria ser ele atrás das grades.

—Eu te disse que iria, — ela responde imediatamente, sem questionar que já estamos casados, então não deveria importar. — Eu quero votos de casamento que eu lembro com você.

—Vá, — eu digo ao juiz. Minha mãe está lá de olhos arregalados, vendo tudo acontecer. Eu nunca a vi tão quieta antes. Ela realmente deve estar em estado de choque. Provavelmente porque eu odiei estar perto de pessoas desde que voltei para casa e agora estou me comprometendo a passar minha vida com alguém.

O juiz começa. Eu olho para o meinha pequena e repito as palavras. Ela faz o mesmo, fazendo a posse bater em mim. Ela é minha e não há nada que alguém possa fazer sobre isso. Quando Barnes diz que agora somos marido e mulher, eu a agarro e beijo-a com força e profundidade, apostando minha reivindicação sobre ela. Eu posso ouvir as sirenes chegando, mas eu as ignoro.

—Eu te amo, — eu digo a ela, não deixando ela ir. —Ninguém vai tirar você de mim, — eu juro. Ela envolve seu braço ao redor do meu, me segurando forte.

Meus pais vêm para ficar ao nosso lado. —Eu sou Claire, e este é meu marido, Hank, — ela diz a Lucy em um sussurro.

—Eu sou Lucy, — diz ela.

—Oh, nós sabemos. Nós ouvimos muito sobre você. — Minha mãe me lança um olhar porque não foi de mim que ela ouviu falar de Lucy. Mesmo que eu quisesse contar aos meus pais sobre ela, eu tinha muitas outras coisas acontecendo. Eu precisava de mais tempo porque sabia que minha mãe estaria em cima dela. Eu não estava pronta para compartilhar. Inferno, eu não tenho certeza se vou ser, mas vou aprender porque eu sei que Lucy perdeu seus pais quando ela era muito nova. Minha mãe e meu pai estariam mais do que dispostos a preencher um pouco desse vazio para ela, se ela permitir. É assim que eles são.

—Não seja jogado na cadeia, — meu pai diz, e o aperto de Lucy no meu braço aperta.

—Orlando, — ela implora. —Prometa que você não vai fazer isso. — Eu olho para ela e, como sempre, dou a ela o que ela pede.

—Eu prometo. — Ela dá um aceno de cabeça duro.

O movimento lá fora me chama a atenção e vejo dois carros da polícia subindo a rua e estacionando lá fora. Eles mal param e Kurt Lockwood está pulando do lado do passageiro de um deles.

—Essa é minha neta! — Ele grita. Lucy não se move.

—É melhor você melhorar o seu tom quando fala com ela, — eu grito.

Kurt se detém por um momento antes de se recompor. — Venha aqui, Lucy, — ele comanda, mas novamente ela não se move.

—Não, — é tudo o que ela diz. Ela não me solta. Eu me inclino e beijo o topo de sua cabeça.

—Juiz, — diz um dos policiais, ficando um pouco mais alto ao ver Barnes.

Barnes acena para o policial. —Lockwood, — diz ele, voltando sua atenção para o avô de Lucy. —Sua neta não está desaparecida, e eu não acho que ela quer sair com você também. — Ele cruza os braços sobre o peito.

—Ela não sabe o que ela quer. Ela é instável. Olha o que ela fez no meu braço. — Ele levanta o braço - está em um gesso volumoso.

—Eu estava fugindo de você depois que você me bateu! — Lucy grita. Meu corpo fica duro. Eu sabia por que ela estava correndo, mas ouvir as palavras vindo de sua boca doce bate forte. Eu me seguro para não atacar o homem.

—Veja, ela é louca! Preciso levá-la de volta ao Centro de Cuidados Mentais. Ela me atacou e eu estava me defendendo.

—Chutar alguém em seu estômago enquanto eles estão no chão não é estar se defendendo, — eu rosno. Os policiais não sabem o que fazer. Agora estou começando a me perguntar o quanto ela está lembrada.

—Você não tem ideia do que está falando. Confie em mim, eu tenho os registros que dizem que ela é louca. Vou levá-la de volta e eles me entregarão a tutela.

—Não, — eu corrijo. —Como marido dela, esse poder iria para mim. — Eu olho para Lucy. —Eu nunca faria isso com você, — digo a ela.

—Eu sei, — ela responde. Sua voz é mais forte agora.

—Ela o que? — Kurt grita. Seu rosto está ficando vermelho. — Ela é minha.

Eu vou dar um passo em direção a ele, mas Lucy puxa meu braço, lembrando-me da minha promessa a ela de não ter minha bunda jogada na cadeia.

—Ouça, sua porra doente. Ela não é nada para você, e quando eu terminar com você, toda a merda que estive encontrando em você, você não será nada para ninguém além de quem quer que seja sua companheira de cela.

—Você não tem merda.

—Pelo contrário, o Sr. Lockwood. Se eu fosse você, iria para casa e arrumaria meus negócios. Seu relógio está correndo.

—Vou testemunhar. Contar tudo o que ele fez ao longo dos anos. — Lucy me solta e dá um passo em direção ao avô, as costas retas. —Você achou que eu não estava prestando atenção? Eu conheço todos os seus pequenos segredos sujos. — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz quando ela entrega aquele golpe para ele.

Eu tomo o meu próprio, percebendo que ela se lembra de tudo. Quando isso voltou para ela?

—Você pequena puta— Kurt se lança para ela, mas eu estou nele primeiro, minha mão conectando com sua mandíbula, e ele vai voando de volta, batendo no chão com força. Eu ouço um estalo alto. Ele não se move para se levantar.

Um dos policiais corre na minha direção para me segurar. Eu não luto contra ele.

—Deixe-o ir. Ele estava defendendo sua esposa, — diz o juiz. O policial faz o que ele diz. —Leve-o para o hospital e faça com que ele o segure. Ele obviamente pretendia prejudicar a garota quando ele se lançou para ela. Segure-o por agora.

Os policiais pegam Lockwood do chão. —Deixe a mídia saber que Lucy não está mais desaparecida. Que ela está bem e só foi embora com o marido. Eles não precisam saber de nada.

—Claro, Juiz, — diz um dos policiais quando todos saem.

Eu olho para Lucy, que está olhando para o chão. —Há quanto tempo você se lembra? — Eu pergunto, não me importando que ainda tenhamos um pequeno público.

—Podemos conversar sobre isso depois? — Ela olha para o juiz Barnes e meus pais.

—Claro. — Eu alcanço ela. Felizmente ela não se afasta do meu toque. Eu envolvo meu braço ao redor dela.

—Obrigado, juiz. Vou mandar tudo quando receber o restante das informações que estou coletando.

—Bom. Quero deixar esse homem longe, onde ele pertence. — Ele para na frente de Lucy. —Sinto muito por tudo o que você passou. Eu deveria ter ficado de olho no seu avô. Eu sabia que ele era um bastardo. Eu só não sabia que ele tinha uma menina vivendo com ele.

—Está tudo bem. Obrigado por tudo, — diz Lucy. Com isso, o juiz sai.

—Mãe, pai, eu sei que vocês estão morrendo de vontade de saber tudo, mas agora eu preciso ficar sozinho com minha esposa.

—É claro, — meu pai diz. Minha mãe fechou a boca, apenas balançando a cabeça, provavelmente porque se ela abrir, ela não será capaz de parar a enxurrada de perguntas que eu sei que ela quer perguntar.

—Vamos ver você mais tarde, filho, — meu pai diz. Minha mãe se afasta do pai e me dá um abraço. Em seguida, ela vai para Lucy, segurando-a com força e sussurrando em seu ouvido. Então ela a beija na bochecha e ela e meu pai saem.

Deixando Lucy e eu sozinhas.

—Orlando. Eu-

Eu a corto, batendo minha boca na dela, beijando-a com tudo o que tenho, com medo de que este pudesse ser o último beijo que eu tenho com ela. Não, foda-se isso. Eu não vou deixar. Eu farei o que for preciso para que ela não me deixe.

Eu a coloco em meus braços e a levo escada acima e entro em nosso quarto, batendo a porta atrás de nós. É então que percebo que ela está me beijando de volta tão intensamente quanto eu a beijo. Quando ela se afasta, estamos ambos sem fôlego.

—Você realmente queria se casar comigo, não é? Você não fez isso apenas para me proteger, não é? — Suas palavras me pegam de surpresa.

—Eu queria casar com você mais do que eu já quis alguma coisa em toda a minha vida, — eu murmuro. Eu não gosto dela pensando que eu casei com ela por qualquer outro motivo do que porque eu precisava dela mais do que eu preciso de ar.

CAPÍTULO DOZE

LUCY

Meu coração bate no meu peito. Suas palavras me enchem alívio. Depois que tudo voltou para mim, comecei a juntar as coisas. Como o fato de Orlando ser um homem maravilhoso e fazer qualquer coisa para me proteger. Inclusive se casar comigo, se é o que fosse necessário para me manter segura.

É apenas o tipo de homem que ele é. Juntando-se ao Exército para proteger nosso país, correndo em um prédio em chamas para salvar outros, quase perdendo sua própria vida no processo, correndo para me salvar e amarrar sua vida à minha para me manter segura do meu avô... Mas eu o queria querendo casar comigo.

—Eu queria casar com você também. Eu odiava que eu achasse que não conseguia lembrar o nosso casamento, — eu admito. —Mas não havia um.

Eu assisto a culpa lavar seu rosto. —Você lembra.

—Sim. — Eu concordo. —Quando o juiz disse que meu avô estava vindo, tudo voltou correndo. — Eu engulo. —Ele é um homem horrível. — Ele é, e ele gosta de falar na minha frente. Antes, eu não sabia em quem confiar. Quem estava no bolso dele, mas agora eu sei que Orlando vai me proteger. Ele não vai deixar nada me machucar.

—Ele vai pegar o que está vindo para ele, — Orlando promete.

—Você mentiu para mim. — Eu levanto uma sobrancelha para ele.

—Eu fiz. — Ele mantém os olhos fixos nos meus. —Quando você acordou, parecia tão assustada que queria deixá-la à vontade. Então... —Ele parece tímido por um momento. —Eu adorava ter você como minha esposa. Eu pensei que talvez se eu pudesse fazer você se apaixonar por mim, quando você finalmente lembrasse, você poderia ficar.

Eu me jogo para ele, envolvendo meu corpo em torno dele. Ele me pega facilmente enquanto eu pimento deixo em todo o seu rosto bonito. —Eu disse que sabia que você era meu no segundo em que acordei naquela cama. Eu nunca me senti tão segura. Não te questionei porque sabia que estava em casa. — Meus olhos se enchem de lágrimas. —Acho que colidi com o seu portão por um motivo. Foi o destino.

—Deus, eu amo você, pequena. — Ele me beija, me tirando o fôlego. —Eu estava com tanto medo que você tentaria me deixar quando você descobrisse. — Eu quero rir da palavra *tentar,* porque eu tenho um sentimento que enquanto Orlando pode me dar qualquer coisa que eu peça, a única coisa que ele nunca aceitaria é ele e eu estar separados. Não que eu jamais quisesse isso. Pode ser uma loucura, mas algo sobre isso me deixa ainda mais feliz.

—Eu odeio como você teve que chegar até mim, mas eu sou tão fodidamente grato por você estar aqui. Eu não estava vivendo. Você me trouxe de volta à vida. Tornou a vida digna de ser vivida novamente.

Deus, eu o amo muito. Agora eu entendo o que ele quis dizer quando disse que está feliz por ter se machucado porque isso o levou a mim. Eu também tomaria o que meu avô me dava se me levasse a Orlando.

—Faça amor comigo, — eu digo contra sua boca.

Ele geme. —Eu estava morrendo de vontade de fazer amor com você, — ele admite. Eu sei agora porque ele está se segurando. Ele não queria fazer amor comigo até que eu soubesse a verdade. Agora eu faço.

—Eu sou sua agora. Você pode me ter quando quiser. Eu vejo seus olhos escurecerem com minhas palavras. Desta vez, quando ele se inclina e me beija, é tão suave e doce que eu quero chorar.

—Eu vou ser o melhor marido para você. Eu prometo que vou fazer o resto da sua vida tão doce que vai tirar qualquer dor que você já teve antes de mim.

Ele me beija novamente. Eu me envolvo em torno dele, nunca querendo o deixar ir. Quando ele se afasta da minha boca, ele trilha beijos pelo meu pescoço e ombro. Uma mão desliza sob o meu vestido. Ele solta um grunhido quando descobre que não tenho calcinha.

Eu não queria que nada nos atrasasse quando a cerimônia terminasse. Eu senti como se tivesse esperado o tempo suficiente e nada mais iria atrapalhar.

—Você vai ser a minha morte, pequena.

—Eu serei se você não começar a tirar algumas roupas. — Eu começo a puxar a camisa dele, querendo que fiquemos pele a pele. Ele solta uma risada profunda e me ajuda a tirá-lo da roupa. Logo ele está completamente nu e de volta em cima de mim, puxando meu vestido.

—Você está linda nisso, mas tem que ir. — Eu suspiro quando ele dá um puxão forte e tira de mim. Eu ouço um barulho alto, mas eu nem me importo.

Ele olha para mim, seus olhos me absorvendo. —Eu te quero tanto, mas preciso ir devagar com você, — diz ele. Não tenho certeza se ele está falando comigo ou com ele mesmo.

—Nós não temos que ir devagar. — Eu me movo contra ele, a dor entre as minhas coxas se acumulando em uma pulsação como eu nunca senti antes. —Eu aguento.

Seus olhos voam para os meus. Eu assisto uma batalha de guerra atrás deles. —Você é virgem. Eu tenho que te preparar, pequena. — Ele desliza um dedo dentro de mim, me enchendo. Eu gemo.

—Veja como você está apertada? Isso é apenas um dedo. — Ele o move dentro e fora de mim, seu polegar circulando meu clitóris.

Eu levanto meus quadris, querendo mais. Ele dá para mim, deslizando outro dedo dentro de mim. Eu gemo o nome dele. Eu sou incapaz de tirar meus olhos do rosto dele. Sua mandíbula está apertada enquanto ele observa deslizando seus dedos dentro e fora de mim.

Ele lambe os lábios como se quisesse me provar. Então ele faz, tomando o que ele quer. A pura necessidade primal dentro dele é a minha ruína enquanto eu gozo contra sua língua, gritando seu nome. Ele não para, no entanto. Ele continua lambendo e chupando, empurrando outro orgasmo em cima do último.

Minhas costas se curvam para fora da cama, meu corpo todo se sentindo como se estivesse formigando. Eu caio de volta na cama e fecho meus olhos enquanto Orlando trilha beijos de volta ao meu corpo, sem perder um ponto em mim.

Quando sua respiração roça minha boca, meus olhos se abrem. Seu pau empurra um pouco dentro de mim. Eu suspiro. A boca de Orlando cai na minha, me beijando lentamente enquanto ele empurra mais para dentro de mim. Eu envolvo minhas pernas e braços ao redor dele.

—Sinto muito, pequena, — ele me diz. Uma dor aguda atinge quando ele desliza totalmente em mim. Ele descansa sua testa contra a minha, palavras de amor saindo de seus lábios. Eu posso sentir a tensão do seu corpo sob minhas mãos. Eu juro que acho que ele pode estar tremendo.

Depois de um momento a dor sai e tudo o que há é Orlando e suas doces palavras. Ele profundamente dentro de mim, seu corpo preso ao meu, eu nunca me senti mais perto de alguém em minha vida. Completa e segura. Uma lágrima desliza pelo meu rosto.

Orlando beija. —Pequena.

Sua voz soa muito dolorida. Seus olhos vasculham meu rosto. Ele começa a sair de mim, mas eu seguro mais forte para ele. —

Antes eu nunca entendia como as pessoas choravam quando eram felizes. Eu entendi agora. — Seu rosto suaviza.

—Faça amor comigo, — eu digo a ele, levantando meus quadris. Ele rosna ao meu movimento e como sempre faz o que eu peço, entrando e saindo de mim, o prazer aumentando novamente.

—Eu não achei que eu me encaixaria dentro do seu pequeno corpo, mas você foi feita para mim. Eu deveria saber que eu me encaixaria perfeitamente em você.

—Sim, — eu lamento. É perfeito. Ele desliza a mão entre nós, seus dedos indo para o meu clitóris.

—Vou fazer você gozar novamente. Eu quero sentir isso quando estou dentro de você, —ele rosna.

—Juntos. Nós gozamos juntos. Me faça sua.

—Diz isso. Diga que você me quer para sempre. Nada nos separará.

—Para sempre. Você e eu — eu digo instantaneamente. Sem hesitação.

—Minha, — ele rosna. A única palavra de posse me envia ao limite e me faz gozar. Eu grito seu nome, sentindo suas calorosas liberações dentro de mim. Ele empurra em cima de mim e me enche profundamente.

Estamos ali, seu corpo pressionando o meu, nossa respiração pesada, o cheiro do nosso amor enchendo o quarto.

Orlando rola, então eu estou em cima dele. Seu pau ainda está duro dentro de mim. Se eu não sentisse o seu gozo dentro de mim, eu pensaria que talvez ele não tivesse chegado ao clímax.

—Eu quero mais, — digo a ele, sentando todo o caminho. Ele olha para mim e agarra meus quadris em um aperto forte, seus dedos apertando em mim.

—Talvez devêssemos... — Ele é cortado quando eu começo a balançar para frente e para trás. Suas palavras se transformam em gemidos de prazer. Eu sei o que ele ia dizer. Como sempre, ele está preocupado comigo.

—Eu quero mais, — eu digo de novo, sorrindo para o meu marido bonito. E como sempre ele me dá o que eu quero.

EPÍLOGO

ORLANDO

—Você o pegou? — Pergunto aos meus pais quando me levanto da cadeira. Eu quero ir checar minha esposa. Ela está demorando demais para o meu gosto. Ela disse que voltaria logo, e isso foi há dez minutos. As pessoas estarão chegando a qualquer momento.

—É claro, — minha mãe diz, seus olhos treinados em meu filho de quatro anos que está nadando na parte rasa da piscina. Ele olha para mim, me dando um visão da mesma covinha que sua mãe tem. Ele até tem o cabelo escuro dela, mas é aí que acaba. O resto dele é a imagem de mim. Meu peito ainda fica apertado quando penso em como minha esposa me deu um filho. Como ela continua enchendo minha vida com tanta alegria quando pensei que viveria uma vida solitária antes que ela entrasse na minha vida e me sacudisse de volta à vida. —Leve o seu tempo. Eu adoraria outro grande bebê.

—Mãe! — Eu grito, fazendo meu pai jogar a cabeça para trás e rir. Jesus, minha mãe está praticamente me fazendo corar. Eu balanço minha cabeça. O riso segue atrás de mim enquanto eu vou em busca da minha esposa.

É fim de semana do Dia do Trabalho, e desde que nos encontramos naquele fim de semana, nós fizemos um grande negócio no final de semana todos os anos. Nós sempre fazemos um churrasco no quintal. Lucy até me convenceu a conseguir uma

piscina. Não que ela tivesse que realmente me convencer disso. Mas ela perguntou e eu fiz acontecer.

Ela se supera a cada ano agora. Mesmo que o churrasco seja pequeno com apenas meus pais e alguns dos meus antigos amigos do exército e suas esposas e filhos, ela ainda exagera. Eu subo as escadas. Ela provavelmente está no nosso quarto. Ela disse que precisava colocar um maiô. Talvez eu a pegue mudando de roupa e leve meu tempo como minha mãe sugeriu. Ela tem feito muito isso ultimamente. Com a sugestão de termos mais filhos.

Não é por falta de tentativa que Lucy não engravidou novamente. Nós nunca usamos proteção. Nunca falei sobre isso. Nós sempre fomos com isso. Lucy acredita que o destino cuidará de tudo, mas já faz quatro anos desde que tivemos nosso filho. Eu amaria outro - uma garotinha que se parecesse com a mãe dela, mas também estou bem com o que temos.

Quando abro a porta do quarto, ouço-a cantarolar no armário. Eu caminho e me inclino contra a porta. Ela se move sobre o armário, guardando algumas coisas e procurando por um maiô. Porra. Eu não sei como eu tive muita sorte. O destino deu ela para mim e eu vou gastar cada momento de nossas vidas juntos, certificando-me de que minha garota seja feliz.

Eu quero garantir que a merda do passado não a toque de novo. Não há mais escuridão em nossas vidas, e nós dois nos certificamos de que continue assim. Felizmente, não precisamos fazer muito sobre o avô dela. O filho da puta saiu fácil se você me perguntar. Ataque cardíaco na cadeia antes mesmo de ele ser julgado por seus crimes. Foi agridoce. Eu sabia que o idiota estava fora de sua vida, mas eu senti que ele deveria ter sofrido mais. Pelo

menos ela não teve que passar mais um dia pensando nele. Eu odiava a ideia de ela ter que testemunhar contra ele e todos os seus negócios sujos. Minha pequena não precisava mais daquela merda em sua vida. Ela deixou aquela vida atrás do dia em que ela veio correndo para a minha, e ela não vai voltar.

Eu vejo como ela tira seu vestido e desliza sua calcinha por sua perna. Estou me movendo antes que ela possa até bater no chão. Eu envolvo meus braços em volta dela por trás, respirando seu doce cheiro de mel.

—Eu estive esperando por você, — eu digo a ela, beijando seu ombro nu. Ela se vira nos meus braços e sorri para mim.

—Desculpa. Eu me desliguei. — Ela não parece sentir realmente. Na verdade, acho que ela sabia que eu iria procurá-la. Eu a pego levando-a para a ilha que fica no centro do armário.

—Estou feliz que você fez. — Eu alcanço entre nós, liberando meu pau, e não perdendo tempo, eu empurro dentro dela. Como sempre ela está pronta para mim. Minha pequena tem uma buceta gananciosa - algo que eu gostei ao longo dos anos. Ela geme enquanto eu empurro dentro e fora dela. Ela se agarra a mim enquanto eu faço amor com ela, e nós dois gozamos juntos. Minha liberação morna a enche. Sua boceta aperta em volta de mim, levando tudo de mim em seu corpo.

Eu olho para ela enquanto ela está na ilha, seu peito subindo e descendo do nosso amor, seu cabelo espalhado ao redor dela. Ela parece bem-amada. Ela é.

Eu corro minha mão ao longo de seus quadris e para seu estômago, que mostra pequenas marcas de ter nosso filho. Elas sempre fazem meu coração apertar de amor pelo que ela deu à nossa família. Eu lembro dos meus pensamentos sobre ela me dar outro filho. Sua barriga crescendo novamente.

—Sinta-se livre para tomar o seu tempo sempre que quiser, se é isso que acontece quando eu venho te encontrar, — eu a provoco. Ela lambe os lábios. Algo pisca em seus olhos e eu sei que ela quer me dizer alguma coisa. Eu a conheço muito bem agora. Eu posso ler cada olhar que cruza seu rosto. Não demorou muito para adquirir essa habilidade, não quando eu nunca consigo tirar meus olhos dela.

—Pequena.

Ela morde o lábio.

—Diga, — eu empurro.

—Eu estava demorando tanto, porque tive que fazer um teste de gravidez, — ela finalmente admite. Meu corpo tensiona. —Eu não queria contar a você. Tirar suas esperanças. — Ela senta, envolvendo os braços em volta do meu pescoço. —Estou grávida, — ela diz contra a minha boca antes de me beijar.

Eu cavo meus dedos em seus cabelos, aprofundando o beijo. Meu coração está tão cheio que eu juro que quase dói. Meu pau está totalmente de volta à vida dentro dela. Ela se afasta do beijo. —Eu mal posso esperar para contar a mamãe. — Ela sorri para mim. Meus pais são seus pais agora também. Lucy é a filha que eles

sempre quiseram, mas não puderam ter. Minha garota consome sua atenção tanto quanto eles a dela.

—Você pode por favor não falar sobre a mamãe quando meu pau está dentro de você? — Ela ri e empurra meu peito, fazendo meu pau escorregar para fora dela enquanto eu dou um passo para trás. Eu assisto o meu gozo sair de sua vagina enquanto ela desliza para o chão.

—Você terá que esperar até mais tarde. Temos convidados chegando. — Eu gemo. Eu quero estar de volta dentro dela, mas para ser honesto, quero compartilhar as novidades com meus pais também. Eles vão estar na lua. Porra, eu ainda não consigo envolver minha mente em torno disso. Ela está me dando outro bebê.

Eu coloco meu pau longe, desejando que meu pau duro abaixe quando Lucy desliza em um biquíni.

—Eu não penso assim, — digo a ela. Está mostrando muita pele. Ela revira os olhos porque eu tenho certeza que temos essa mesma luta sobre o maiô dela todo ano.

—Eles são todos casados. Ninguém está me checando. — Ela balança a cabeça e puxa um vestido de verão por cima do biquíni.

Sim, todos os meus amigos do exército podem ser casados, mas como eles podem não estar checando-a? Ela é a mulher mais perfeita já criada. Seria impossível para eles não fazer. Ela caminha até mim e envolve seus braços em volta do meu pescoço novamente.

—Seu bebê está dentro de mim. Inferno, seu esperma ainda está dentro de mim. É seguro dizer que você me marcou como sua.

—Estou tentando descer meu pau. Isso não está ajudando, — eu grunho. Isso só a faz rir, e seus seios balançam contra mim.

—Você fica aqui e faz isso acontecer. — Ela esfrega meu pau ainda duro. —Eu vou cumprimentar nossos convidados. — Ela me beija antes de tirar sua bunda doce do armário. Sim, como se isso vai acontecer. Eu estou logo atrás dela enquanto ela desce as escadas. Eu a puxo para mim, envolvendo meu braço ao seu redor enquanto saímos para cumprimentar a todos. Eu sei que este fim de semana do Dia do Trabalho será perfeito, assim como todos os dias que seguirem para o resto de nossas vidas.

FIM